



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**JOÃO MOURA ROCHA SOBRINHO**  
**THIAGO ARAÚJO DE SOUZA**

**NASCIDOS PARA SALVAR**

**FORTALEZA**

**2010**

JOÃO MOURA ROCHA SOBRINHO

THIAGO ARAÚJO DE SOUZA

NASCIDOS PARA SALVAR

Produção jornalística apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Agostinho Gósson

FORTALEZA

2010

JOÃO MOURA ROCHA SOBRINHO

THIAGO ARAÚJO DE SOUZA

NASCIDOS PARA SALVAR

Esta produção jornalística foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho desta produção jornalística é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Aprovada em \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Monografia apresentada à Banca Examinadora:

---

Prof. Agostinho Gósson (Orientador)

Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof. Ms. José Ronaldo Aguiar Salgado (Membro)

Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof. Ms. Raimundo Nonato de Lima (Membro)

Universidade Federal do Ceará - UFC

Aos nossos pais

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, especialmente à minha mãe, Elizete Moura Rocha, e à minha madrinha, Evilene Moura Rocha; aos amigos que estiveram ao meu lado em diversos momentos, sendo a construção deste trabalho apenas um dos vários episódios em que seu companheirismo se fez presente, Felipe Valentim, Ana Lisboa e Rebeca Castro; à minha namorada, Gabriela Ramos, pela constante disposição em me ajudar durante os últimos anos e pela alegria que sempre me proporcionou; aos professores que contribuíram para minha educação, especialmente ao professor Agostinho Gósson, que aceitou orientar este trabalho e me ensinou a maior parte do que hoje sei sobre a profissão que escolhi; aos profissionais que incrementaram minha formação como jornalista, em especial a Erilene Firmino, Edison Silva, Dahiana Araújo, Georgea Veras, Inácio Aguiar, André Almeida e Josafá Venâncio; aos companheiros de faculdade, especialmente a Victor Ximenes, Pâmela Marinho, Camilla Carneiro, Cleisyane Lopes, Priscila Tavares e Geimison Maia; ao amigo Thiago Araújo, que com paciência e dedicação, duas de suas mais notáveis virtudes, entregou-se à construção deste trabalho; aos amigos e familiares de João Nogueira Jucá e a todos os envolvidos no incêndio da Casa de Saúde Dr. César Cals que nos atenderam; aos profissionais do Corpo de Bombeiros que nos cederam parte de seu tempo e de suas memórias; e, por fim, a todos aqueles que me ajudaram nesta caminhada.

**João Moura Rocha Sobrinho**

Primeiramente a Deus, que sempre me protegeu e me iluminou durante esses longos 4 anos de muita luta e suor; aos meus pais, Ivanildo Araújo de Souza e Márcia Luiza Araújo de Souza, que nunca me deixaram faltar nada e investiram muito na minha educação como pessoa, proporcionando-me oportunidades que eu sempre soube aproveitar, desembolsando grandes quantias em dinheiro até quando as coisas não iam bem financeiramente, mas tudo para que me tornasse um cidadão de bem; a minha irmã Jéssica, companheira de quarto, com a qual sempre tive um relacionamento calcado na amizade e no amor; a minha avó, Maria Luiza, que sempre me acolheu muito bem em sua casa, daquele jeito simpático que só ela tem; ao meu primo, “quase irmão”, Gabriel Campelo, amigo de todas as horas, que sempre

esteve presente quando necessitei de auxílio para realizar trabalhos da faculdade; ao “mestre” Agostinho Gósson, a pessoa que mais me ensinou durante minha estada no curso e um dos protagonistas deste trabalho; ao colega e amigo João Moura, para mim, um exemplo de pessoa pela humildade, serenidade e solidariedade com que trata, indistintamente, todos ao seu redor, além de ter um futuro brilhante na carreira de jornalista e de ser o principal mentor de nosso trabalho; a minha namorada, Samia Muniz, que soube me animar nos momentos mais críticos e “encher a minha bola”, assim como me ouviu quando mais precisei desabafar; ao Corpo de Bombeiros Militar do Ceará e aos familiares e conhecidos de João Nogueira Jucá, pelo apoio, colaboração e confiança em nosso trabalho; enfim, a toda minha família, base de toda minha felicidade, a todos os que contribuíram de algum modo para a realização deste trabalho, e aos professores que passaram pela minha curta, mas não menos proveitosa caminhada acadêmica.

**Thiago Araújo de Souza**

*“Às perguntas mais importantes sempre terminamos respondendo com nossa vida. O que dizemos nesse meio tempo não tem importância, nem os termos e argumentos com que nos defendemos. No final de tudo, é com os fatos de nossa vida que respondemos às indagações que o mundo nos faz com tanta insistência. E que são estas: Quem você é?... O que queria de verdade?... O que sabia de verdade?... A quem ou a quem foi fiel ou infiel?... Com quem ou com quem se mostrou corajoso ou covarde?... São essas as perguntas capitais. E cada um responde como pode, com sinceridade ou mentindo; mas isso não tem muita importância. O que importa é que no final cada um responde com a própria vida.”*

**(Sándor Márai)**

## RESUMO

O trabalho apresenta casos que evidenciam a coragem e o altruísmo de civis e de profissionais do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará durante operações de resgate. Na parte inicial, é narrado o incêndio ocorrido na Casa de Saúde Dr. César Cals<sup>1</sup>, em Fortaleza, em 4 de agosto de 1959. São apontados dados biográficos do jovem que se sagrou herói na ocasião, João Nogueira Jucá – o primeiro bombeiro honorário do Ceará. Em seguida, conta ocorrência semelhante, retratando o ato de bravura de outra fortalezense, Paloma Lima Bezerra. Relata ocorrências singulares protagonizadas por bombeiros, com o objetivo de retratar temas como o vínculo existente entre vítima e profissional de resgate, o confronto fatal contra as forças da natureza, o compromisso com a missão em situações nas quais o resgate apresenta-se improvável e o caráter altruísta inato à personalidade dos personagens apresentados.

Palavras-chave: Reportagem; Corpo de Bombeiros Militar do Ceará; Altruísmo; João Nogueira Jucá.

---

<sup>1</sup> Localizada na avenida do Imperador, no Centro de Fortaleza, hoje é chamada Hospital Doutor César Cals.



## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. JUVENTUDE E BRAVURA .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 João Nogueira Jucá .....</b>	<b>10</b>
2.1.1 O incêndio na Casa de Saúde .....	10
2.1.2 Novo Martírio .....	12
2.1.3 O herói se destaca .....	14
2.1.4 Um sacrifício quase anunciado .....	16
2.1.5 Memória .....	17
<b>2.2 Paloma Lima Bezerra .....</b>	<b>21</b>
2.2.1 A correnteza busca a vítima .....	21
2.2.2 O inesperado impõe-se à fatalidade .....	22
2.2.3 Como recompensa, a alegria .....	23
<b>3. OBSTINAÇÃO E ESPERANÇA .....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 Coronel João Vasconcelos Sousa .....</b>	<b>25</b>
3.1.1 A mão protetora .....	25
3.1.2 Os fatos são revelados .....	27
<b>3.2 O resgate improvável.....</b>	<b>28</b>
3.2.1 A tragédia se anuncia.....	29
3.2.2 A esperança vai ao cúmulo.....	31
<b>4. A ETERNA LUTA CONTRA A NATUREZA .....</b>	<b>33</b>
<b>4.1 Praia do Futuro .....</b>	<b>33</b>
<b>4.2 Rio Ceará .....</b>	<b>36</b>
<b>4.3 Sabiaguaba .....</b>	<b>38</b>
<b>5. HUMANOS ANTES DE TUDO .....</b>	<b>42</b>
<b>5.1 Subtenente Gonçalves .....</b>	<b>42</b>
<b>5.2 Sargento Gomes Costa .....</b>	<b>48</b>
<b>5.3 Capitão Humberto .....</b>	<b>52</b>
<b>6. O ÚLTIMO SALVAMENTO .....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>58</b>

# 1. APRESENTAÇÃO

Mais que enaltecer o êxito de grandes operações de resgate, o propósito deste livro-reportagem é destacar o ímpeto altruísta daqueles que, no exercício ou não da profissão de bombeiro, enfrentaram desafios que lhe exigiram muito mais do que conhecimento técnico ou força física para que pudesse ser alcançado o objetivo que os moveu – salvar vidas.

Inicialmente, são retratados casos em que os protagonistas ignoraram, por um instante ou por longos intervalos, o próprio instinto de preservação para impor-se com bravura e desprendimento contra desafios aparentemente impossíveis de serem superados. Ao relegarem a segundo plano a própria existência em nome da segurança de completos desconhecidos, os personagens enfrentaram o poder destrutivo da natureza com espírito de abnegação, mesmo quando as circunstâncias apontavam para o fracasso.

Em seguida, são relatadas ocorrências nas quais foi exigido de bombeiros atingir o máximo de sua resistência física para executar o resgate e garantir a própria sobrevivência. Impelidos pela força das águas a situações de extremo risco, os personagens tiveram de fazer uso de toda força que desenvolveram durante o exercício da profissão para terem alguma chance de sobrevivência. Mesmo após encararem a morte com tamanha proximidade, não desistiram da profissão. Ao contrário, passaram a admirá-la e desejá-la mais ainda.

Em seguida, as narrativas deixam de ser o foco central, dando mais espaço aos pensamentos, aos medos e às alegrias de três bombeiros, cujas personalidades são exploradas a partir de eventos marcantes em suas carreiras. Por fim, um relato distinto dos anteriores – pelo menor grau de complexidade da operação – sintetiza o espírito solidário e abnegado retratado nesta publicação.

O comprometimento com a missão, mesmo quando todas as circunstâncias apontam para o fracasso, o sentimento de afetividade entre vítima e profissional de resgate, a necessidade moral de auxiliar o próximo em momentos nos quais não há a obrigação profissional, o impulso altruísta que desperta onde menos se espera, entre outros temas, são apresentados nas páginas a seguir através dos relatos de protagonistas e testemunhas de atos que, devido a sua grandeza, assemelham-se a episódios de obras ficcionais.

## 2. JUVENTUDE E BRAVURA

### 2.1 João Nogueira Jucá

O primeiro capítulo desta publicação é destinado a retratar a valentia de dois jovens cearenses que tomaram para si a responsabilidade de evitar tragédias. Este primeiro tópico tem como meta narrar o incêndio ocorrido na Casa de Saúde Dr. César Cals<sup>2</sup> em 4 de agosto de 1959 e apontar dados biográficos do jovem que se sagrou herói naquela data, João Nogueira Jucá. A narrativa foi construída a partir de informações contidas no livro *Herói e Mártir*, de José Jucá Neto – irmão de João Nogueira Jucá - e dos relatos de personagens diretamente envolvidos no episódio.

#### 2.1.1 O incêndio na Casa de Saúde

Hoje madre superiora do Instituto dos Pobres<sup>3</sup>, em Maranguape<sup>4</sup>, a Irmã Carolina, que naquele ano trabalhava na casa de saúde, presenciou o incêndio e cuidou, nos meses seguintes, das pessoas que se feriram mais gravemente no incidente. Um destes, Raimundo Carvalho, mais um personagem a contribuir para a construção deste capítulo, ainda hoje carrega no corpo vestígios daquele 4 de agosto.

À época, o éter utilizado para esterilizar os equipamentos cortantes era levado à casa de saúde lacrado em barris de metal transportados por caminhões. Algumas horas antes do incêndio, havia intensa demanda pelo material, que era aguardado pelos profissionais do centro cirúrgico. Por volta das duas da tarde, chegaram, enfim, dois barris de éter que poderiam ser utilizados. Devido à pressa, as freiras que gerenciavam o hospital resolveram solicitar, pouco após a chegada dos barris, a abertura dos recipientes.

Embora aparentemente inofensivo, o ato de abrir os barris, naquele momento, escondia um grave risco. Conforme explica a Irmã Carolina, no percurso até o hospital, a agitação por que passaram os barris provocou no éter um processo semelhante ao que ocorre ao

---

<sup>2</sup> Hoje Hospital Dr. César Cals, a casa de saúde homônima era um dos principais centros de saúde do Estado em 1959. Desde que foi inaugurada, situa-se na Avenida Imperador, no Centro de Fortaleza.

<sup>3</sup> Município pertencente à Região Metropolitana de Fortaleza

<sup>4</sup> Uma das fraternidades da Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas

refrigerante ou champanhe cujo recipiente é sacudido. Na prática, as consequências são as mesmas.

Dois empregados do hospital foram encarregados de abrir os barris. O primeiro, cujo nome não pôde ser precisado, tinha cerca de 30 anos e era acompanhando por um rapaz de 19 anos, Raimundo de Freitas Carvalho. Foi o companheiro de Raimundo quem abriu o primeiro barril. No mesmo instante, o recipiente de metal expeliu um forte jato de éter, que viajou alguns metros, do almoxarifado, onde se localizava, até a cozinha do hospital, onde estava sendo aquecida a merenda dos empregados. Ao entrar em contato com as chamas do fogão, o material entrou em combustão e o fogo começou a se alastrar. Assim começaram o incêndio e o pânico que se espalharam pelos cômodos da casa de saúde.

Ao perceber o que acontecia, Raimundo Carvalho saiu do almoxarifado em busca de uma saída, acreditando que o incêndio rapidamente se alastraria. Como o fogo se espalhava em direção à entrada, optou por ir aos fundos do prédio, para tentar pular o muro que o separava da avenida Tristão Gonçalves. Ao mesmo tempo, outros empregados e visitantes começaram uma corrida desesperada em busca de amigos e parentes internados ou da saída mais próxima.

Os gritos passaram a atrair transeuntes que se encontravam próximos, os quais começaram a se aglomerar na Praça da Lagoinha. O Corpo de Bombeiros foi então acionado. Até os bombeiros chegarem à casa de saúde, a população precisou enfrentar o fogo sem muitos recursos.

Cientes do poder das chamas que rapidamente se alastravam, os funcionários sabiam que não seriam capazes de controlar o fogo, mas perceberam que poderiam impedir uma tragédia maior que aquela que se anunciava com cada vez mais evidência. Acompanhados por pessoas dispostas enfrentar o risco, alguns deles começaram a retirar os tubos de oxigênio do centro cirúrgico.

Logo que chegou aos fundos da casa de saúde, Raimundo Carvalho deparou-se com um obstáculo intransponível. O muro dos fundos do hospital era maior do que ele imaginara. Escalar o muro sozinho seria impossível. Esperar por ajuda significaria também esperar as chamas e a própria morte. Não havia outra solução, precisava percorrer de volta todo o caminho e ir até a entrada do hospital.

Se o fogo chegasse ao centro cirúrgico, sabiam os empregados, certamente haveria novas explosões. Caso isso acontecesse, o incêndio se espalharia por toda a casa de saúde, alcançando também a maternidade. Graças ao trabalho daqueles que retiraram materiais de alta combustão do caminho do fogo, uma catástrofe maior foi evitada. Enquanto esse trabalho era realizado, chegou ao local o Corpo de Bombeiros.

Compartilhando do desespero de dezenas de pessoas ao seu redor, Raimundo Carvalho tentava evitar os locais que as chamas consumiam, até que avistou um corredor livre, através do qual poderia alcançar a saída. Foi no momento em que percorria o corredor que se deu a segunda grande explosão na casa de saúde. O fogo atingiu em cheio as costas de Raimundo, que se encontrava já a poucos metros da saída.

Com a explosão, o garoto foi ao chão imediatamente, sentindo sua pele ser consumida como uma folha de papel. Vendo que poderia perder a vida naquele instante, reuniu as forças que ainda lhe restavam e ergueu-se em meio ao fogo, dirigindo-se como pôde até a saída. Logo que foi avistado pelos bombeiros que se encontravam na calçada, foi socorrido e posto em um carro que o levou à Assistência Municipal, hoje Instituto Dr. José Frota<sup>5</sup>. Já não havia chamas sobre seu corpo. Contudo, vencida a batalha contra o fogo, iniciava agora a guerra contra as chagas deixadas pelo inimigo.

### **2.1.2 Novo Martírio**

Durante o incêndio, Raimundo enfrentou sozinho as chamas para sobreviver. Após escapar do hospital, todavia, já não era o único a lutar por sua vida. Ao longo dos seis meses seguintes, médicos e enfermeiras trabalharam arduamente para manter vivo um homem cujas costas, braços e pernas sofreram queimaduras de terceiro grau. Somente após o primeiro semestre de internação não havia mais risco de morte em decorrência das queimaduras. Contudo, Raimundo precisou passar outros seis meses internado na casa de saúde, até que os médicos consideraram seguro deixá-lo voltar a casa.

No decorrer do ano em que ficou internado, o rapaz submeteu-se a um tratamento rigoroso, que envolvia pomadas, comprimidos, injeções, transfusões de sangue e até enxertos

---

<sup>5</sup> É uma Autarquia Pública da Prefeitura Municipal de Fortaleza, situada à rua Barão do Rio Branco, 1816/Centro. Hospital de referência terciária e abrangência estadual e regional.

de pele. Apesar de todos os procedimentos médicos, o risco era constante. Certa vez, durante um congresso de medicina realizado no César Cals, um dos médicos que cuidava de Raimundo chamou-o para apresentá-lo a outros profissionais da área. Após pedir que o garoto tirasse sua camisa, para mostrar nas costas as marcas do enxerto que recentemente fizera, o médico disse aos companheiros: "Olha, este aqui já foi até o inferno três vezes. Nem o Cão quer ele".

As dificuldades não eram poucas. A cada troca de curativos, de oito em oito dias, o jovem precisava fazer uma transfusão de sangue para repor o que era perdido enquanto era retirado o material que revestia seu corpo. "Era obrigatório ter sangue pra mim", recorda.

Em uma dessas ocasiões, surpreendeu-se ao ouvir que não havia sangue do seu tipo estocado na casa de saúde. "O Raimundo vai morrer, porque não tem sangue pra ele", declarou um dos médicos. Em seguida, uma das enfermeiras, tomando conhecimento da situação, logo respondeu: "Doutor, meu sangue é o mesmo dele. Pode tirar". "Até sangue de mulher eu hoje tenho em mim", comenta Raimundo, com bom humor.

Apesar de todo o empenho de médicos e enfermeiras, o jovem, que, nas primeiras semanas de internação, não conseguia sequer comer sem a ajuda de alguém que lhe desse a comida na boca, sentia a proximidade da morte e, em determinados momentos, chegou mesmo a esperá-la. "Olha, de vez em quando eu queria morrer também, quando me via naquela situação".

Mas Raimundo viveu. A vida salva pelos bombeiros e pela equipe médica gerou quatro outras, as quais lhe concederam 15 netos. Hoje, mora com a esposa no bairro Conjunto Palmeiras, em Fortaleza. Embora carregue diversas cicatrizes pelo corpo - cujas orelhas foram quase que inteiramente devoradas pelo fogo - e não possa realizar serviços pesados, sente-se agradecido por cada novo dia.

De todo modo, assim como o corpo, a mente também guarda marcas daquele quatro de agosto de 1959. Raimundo Carvalho considera difícil esquecer as cenas de dor e desespero que presenciou desde o início do incêndio até o instante em que foi atingido pela explosão que quase o matou. "Não sei como é que uma pessoa resiste a uma temperatura daquelas", relata.

Alguns não resistiram. Na mesma data do episódio, 4 de agosto, faleceram duas funcionárias da casa de saúde, em decorrência de queimaduras. Exatos quatro meses depois,

veio a óbito outra vítima do fogo. Ao todo, foram quatro vítimas fatais e dezenas de feridos – a maioria destes atingidos pela segunda grande explosão ocorrida.

Tão intensa foi a segunda explosão que apenas dois dias após o incêndio Raimundo recobrou de fato a consciência. Ao acordar, observou as enfermeiras que dele cuidavam, os equipamentos que o mantiveram vivo e uma cama vazia ao lado. Até poucas horas atrás, o leito havia sido ocupado pelo primeiro bombeiro honorário do Ceará, o jovem João Nogueira Jucá, uma das quatro vítimas fatais do incidente.

### **2.1.3 O herói se destaca**

Na tarde do incêndio, João Nogueira Jucá, estudante de apenas 17 anos, cumpria sua rotina. Acompanhado de um amigo, dirigia-se à aula de ginástica, quando ouviu o estrondo da primeira explosão que assolou a Casa de Saúde Dr. César Cals, a poucos quarteirões. Após se dirigir ao hospital e se deparar com um cenário de destruição e desespero, teve uma reação distinta daqueles que, atônitos, apenas observavam da Praça da Lagoinha o esforço de quem tentava escapar do fogo ou impedir que este se alastrasse.

Tão inesperado foi o incêndio quanto a atitude do rapaz. Sem pensar nas consequências, o jovem entrou na casa de saúde com o intuito de salvar vidas. Incansável, entrava e saía do prédio ajudando a carregar pessoas ou materiais que pudessem ocasionar novas explosões. Mesmo antes da chegada do corpo de bombeiros, quando o incêndio ainda se alastrava perigosamente, o garoto persistia em sua empreitada, ignorando as recomendações de funcionários e transeuntes que assistiam às chamas.

Durante a ação, porém, foi atingido pela segunda grande explosão ocorrida no hospital. Por um momento, ainda que ferido, João insistiu em tentar salvar mais pacientes, até deixar-se cair na calçada e tornar-se mais um a necessitar de atendimento médico. Chegando o socorro, o jovem foi levado à Assistência Municipal, sendo atendido no setor de queimados e lá permanecendo até a manhã do dia seis de agosto, quando foi transportado à Casa de Saúde Dr. César Cals.

A partir daí, foi uma semana de intenso sofrimento para os amigos e, principalmente, para os familiares do garoto. “Meu pai e minha mãe praticamente ficaram a semana no hospital. No dia em que aconteceu foram pra lá. Só saíram depois do enterro. Não vinham em

casa, não vinham trocar de roupa”, relata a irmã do garoto, Jovina Jucá, que naquela data tinha 13 anos.

Enquanto esteve internado, João recebeu a visita de dezenas de fortalezenses sensibilizados com o ocorrido. Um dos visitantes foi o então governador do Ceará, José Parsifal Barroso, que agradeceu o gesto de João em nome do Estado.

Com o passar dos dias, acentuava-se o sofrimento de João. Diante de extensas e profundas queimaduras, identificadas como de primeiro, segundo e terceiro graus, o garoto permaneceu lutando pela vida que doou até o início da manhã de 11 de agosto – dia do estudante - de 1959, quando, não suportando mais os ferimentos, sucumbiu.

“Meu pai e minha mãe praticamente morreram por dentro”. É assim que Jovina define a angústia dos pais diante da morte de João. Segundo ela, ambos vestiram-se de preto. O genitor, José Jucá Filho, levou o luto até os últimos momentos de vida. Em casa, não era permitido sequer ligar o rádio para ouvir música ou cantar. José Jucá também exigiu que a filha se vestisse de preto e chegou a querer doar as roupas coloridas da menina, devido a uma enchente que ocorrera no interior do Estado. No entanto, a mãe de Jovina não concordou com a ideia. Dizia que ela era ainda uma menina para vestir-se de preto. “Mas, pelo gosto dele, eu também teria ficado a vida toda de preto”, afirma Jovina.

O fato de um rapaz de apenas 17 anos ter arriscado – e perdido – sua própria vida salvando pessoas de um prédio em chamas gerou grande comoção em Fortaleza. No dia do enterro, centenas de pessoas choraram por João. “Um fato que eu acho marcante é que, no dia do estudante, no enterro dele, da Casa de Saúde Dr. César Cals – porque o enterro saiu de lá – até o Cemitério São João Batista, estava tudo lotado, lotado”, conta o economista aposentado Almério Pereira, que estudou na mesma sala de João em 1959, no colégio São João.

O cortejo, que tinha à frente o governador cearense, saiu às dez horas e trinta minutos, acompanhado pelos pais e irmãos, assim como por parentes, amigos e centenas de pessoas comovidas pelo ocorrido. “Toda a estudantada de Fortaleza estava presente”, relembra Almério. Na tarde do mesmo dia e na manhã seguinte, os jornais da época deram ampla divulgação ao fato, que virou manchete.

As palavras do amigo definem o ato de João Nogueira diante do acontecido: “O gesto dele foi de extrema bravura. Quando viu o fogo, se meteu dentro. Não teve medo”. Jovina Jucá também reconhece o ato de desprendimento do garoto, embora lamente a perda



prematura do irmão. “Foi um ato muito bonito. Foi o que ele quis fazer. Não foi forçado a nada. Foi a sua vontade de servir ao próximo. Mas a falta, né, foi muito grande”, comenta. Ela lembra que ficou sabendo do incêndio quando as chamas ainda se espalhavam pela casa de saúde, mas não imaginava que o irmão estivesse envolvido de forma tão direta com o episódio.

Embora a postura de abnegação de João tenha sido inesperada por familiares e amigos, não é como se o rapaz jamais tivesse dado, em seus 17 anos de vida, sinais de sua personalidade altruísta. Fascinado pela ideia de se tornar um oficial da Marinha, o jovem treinava diariamente em busca de um porte atlético. A cada dia de dedicação aos estudos ou à ginástica, o garoto parecia preparar-se para um grande acontecimento, para algum episódio em que lhe fossem exigidas a força e a disposição de um verdadeiro herói.

#### **2.1.4 Um sacrifício quase anunciado**

Terceiro filho do desembargador José Jucá Filho e da educadora Maria Nogueira de Menezes Jucá, João descendia da alta sociedade cearense. Teria todas as oportunidades para tornar-se um homem bem-sucedido, numa época em que Fortaleza ainda era uma cidade pacata e provinciana. No entanto, a vida é feita de escolhas e, no fim da tarde de quatro de agosto de 1959, João fez a sua.

Natural de Fortaleza, onde nasceu em 24 de novembro de 1941, João Nogueira mudou-se diversas vezes durante a infância. Morou em Itapajé<sup>6</sup>, onde o pai ocupava o cargo de Juiz Municipal e a mãe era professora. Permaneceu naquele município até o ano de 1946, quando deixou a cidade para residir em Lavras da Mangabeira. Finalmente, em 1948, a família mudou-se para Fortaleza, por conta do trabalho de seu pai, designado a exercer a função de Corregedor Geral da Justiça.

Sempre dedicado aos estudos e detentor de um físico de atleta, João Nogueira sonhava em fazer parte da Marinha de Guerra do Brasil. “Ele era alucinado. Tudo era do mar”, afirma a irmã do garoto, Jovina Nogueira Jucá, acerca da pequena biblioteca que o jovem mantinha. Prova disso é a quantidade de livros sobre assuntos ligados ao oceano, como “Dramas do

---

<sup>6</sup> Município localizado ao norte do Ceará.

Mar”, de Hermann Melville, “O Lobo do Mar”, de Jack London, “História da Navegação”, de F. Acquarone, entre outros.

Jovem e saudável, o garoto sempre foi adepto da prática de esportes, em especial, da natação, tendo em vista o objetivo maior de fazer parte da carreira das armas. “Ele era focado”, ressalta Jovina Jucá. Até nos últimos momentos, João permaneceu conectado ao sonho. Sucumbindo ante os ferimentos, delirava, gritando ordens, imaginando-se comandante de navios de guerra.

Após vir a Fortaleza, matriculou-se no Colégio São João, onde cursou o primeiro ano do segundo grau. Ali conheceu Almério Pereira, com quem manteve contato até o dia em que se sagrou herói. Durante oito meses, Almério, pôde perceber a humildade e generosidade do garoto de família nobre. “Ele era uma pessoa bastante simples. Eu diria até um pouco introvertido, quando fosse para um convívio mais abrangente. Ele mantinha-se mais reservado”, afirma.

João sempre foi atencioso com as pessoas. Fossem familiares, fossem amigos, fazia questão de prestar auxílio a quem necessitasse. “Se você estava precisando de um apoio em Matemática, Português ou História, alguma matéria que ele dominasse mais, ele estava pronto a lhe ajudar sempre. Ele era um colega fantástico”, ressalta Almério, que prezava bastante pela amizade de João Nogueira, segundo ele, devido à bondade do rapaz.

Conforme lembra Jovina, em julho de 1959, quando a família passava férias em Messejana<sup>7</sup>, José Jucá Neto, seu outro irmão, deparou-se com um aglomerado de pessoas próximas a um poço e resolveu descobrir o que acontecia. Ao aproximar-se, viu um homem, já sem vida, no interior de uma cacimba. Após retornar para casa, contou a João o que presenciara. Ao ouvir o ocorrido, João declarou: “Se eu estivesse lá, ele não teria morrido. Eu tinha entrado no poço pra salvá-lo”.

### **2.1.5 Memória**

Após o ato de desprendimento que levou João Nogueira Jucá a entrar na Casa de Saúde Dr. César Cals, salvando vidas e sacrificando a própria existência, o rapaz foi lembrado

---

<sup>7</sup> É um bairro de Fortaleza, localizado na zona sudeste da cidade.

durante décadas pelas pessoas que tomaram conhecimento do incêndio na casa de saúde. Em 1994, quando foi criada a Associação dos Ex-Alunos do Colégio São João, a memória sobre o fato ocorrido na tarde do dia 04 de agosto de 1959 e sobre o jovem herói já não era a mesma. “Eu observei que o João Nogueira estava esquecido. Ninguém falava nele”, afirma Luiz Carlos Aires Barreira Nanan, coordenador do evento responsável por manter aceso, na memória dos fortalezenses, o heroísmo do garoto.

Naquele ano, quando surgiu a associação, Luiz Carlos, mais conhecido como Nanan, propôs um “reforço” para a memória de João Nogueira – não só para que as pessoas que presenciaram o incêndio não o esquecessem, mas também para que os jovens tivessem conhecimento do espírito de solidariedade do rapaz. Até hoje, todo dia 11 de agosto, dia do estudante e da morte de João, a associação tem cumprido com o seu papel. Há 16 anos, a homenagem é realizada.

Durante a cerimônia, é celebrada uma missa na capela do Hospital Dr. César Cals. Em seguida, as pessoas se dirigem para a Praça da Lagoinha para a homenagem em que é relembrado o dia do incêndio e o ato heróico do estudante. “Participam do evento os ex-alunos do Colégio São João, que são os seus promotores, os familiares de João Nogueira, o Corpo de Bombeiros Militar do Ceará e outras entidades que a gente convida como o Colégio João Nogueira Jucá”, explica o coordenador da cerimônia.

Nanan também relata que, por dois anos, durante a homenagem realizada na Praça da Lagoinha, o Corpo de Bombeiros aproveitou a oportunidade para entregar a comenda máxima da corporação, a Medalha de Bravura João Nogueira Jucá, aos integrantes que salvaram pessoas em situações de extremo risco. A entrega foi realizada pelo comandante geral da corporação, sob o som da banda de música dos bombeiros, que sempre está presente no evento.

São três os motivos que levam a associação a realizar todos os anos essa solenidade. Primeiramente, a nobreza do ato de João. Conforme Nanan, é comum ver as pessoas se arriscando para salvar a vida de um filho, de uma mãe, mas o jovem salvou a vida de pessoas totalmente desconhecidas. “Foi um ato de desprendimento e de valor humano muito alto, pois não havia interesse dele ao fazer aquilo. Eu não sei nem como caracterizar. Foi realmente perfeito”, afirma o coordenador da homenagem.

O segundo motivo é para que se lembre, às autoridades, aos adultos, o cuidado necessário em relação aos acidentes, a fim de que outros jovens não tenham uma morte sofrida como a de João Nogueira por eventos que podem ser evitados. Segundo Nanan, geralmente os acidentes, especificamente os incêndios, ocorrem por descaso e imprudência dos adultos. “Até os garotos que morrem durante os finais de semana, que são muitos, principalmente em acidentes de carro, geralmente é por irresponsabilidade dos pais que compram automóveis potentes e não cuidam de educar os filhos, que pensam ter liberdade ilimitada”, explica.

A importância que a Associação dos Ex-Alunos do Colégio São João dá à questão do cuidado em evitar acidentes leva a entidade a promover palestras no Colégio Odilon Braveza, situado na Avenida Dom Luís. As palestras são direcionadas a alunos do ensino médio, com a presença do Corpo de Bombeiros, que realiza demonstrações de como usar equipamentos de combate a incêndios. A intenção é dar conhecimento aos jovens sobre o ocorrido na antiga Casa de Saúde Dr. César Cals e fazer com que eles atentem para suas casas, seu colégio, evitando aquele tipo de acidente.

A terceira motivação da homenagem realizada todo dia 11 de agosto é a lembrança do Colégio São João e do educador Odilon Gonzaga Braveza, que se comoveu com morte de João Nogueira, então aluno do colégio. Segundo Nanan, ficou marcado na memória dos ex-alunos o testemunho do diretor, consternado, ao comunicar o falecimento do jovem. “Aquele fato comoveu todo mundo, por isso o nosso colégio não esquece, assim como o nosso ex-diretor, o educador Odilon Braveza, nunca esqueceu”, afirma Luiz Carlos Nanan.

O estudante João Nogueira Jucá dá nome ao auditório do Colégio Odilon Braveza, pertencente ao grupo Farias Brito, localizado na Avenida Dom Luís. A Associação dos Ex-Alunos do Colégio São João, da qual Luiz Carlos Nanan foi presidente, orgulha-se do fato, tendo em vista que foi resultado do trabalho de seus integrantes.

Havia também, no bairro Mucuripe, uma escola estadual que levava o nome de João. No entanto, como o prédio era alugado e, posteriormente, o Governo do Estado desistiu do negócio, o nome foi mudado para Padre José Nilson. Determinado dia, enquanto passava pelo local, Nanan e o amigo Sérgio Vieira perceberam a troca e desaprovaram o ato. Nanan resolveu, então, enviar uma carta ao Secretário de Administração da época, em nome da associação, dizendo que tinham se surpreendido com a retirada do nome e que a memória do jovem herói não merecia ser tratada daquela maneira.

Dois anos depois, em 16 de outubro de 2002, sob a administração do então Governador do Estado Beni Veras, a associação foi convidada para a inauguração da Escola de Ensino Fundamental e Médio João Nogueira Jucá. Localizada na Avenida Sapiranga, 312, Bairro Alvorada, a escola foi a primeira unidade de ensino da rede pública estadual a ser dotada de elevador para deficiente físico. Com 10 salas de aula, quadra poliesportiva, biblioteca, auditório, refeitório, sala de diretoria, secretaria, sala de professores, laboratório de informática, banheiros masculino e feminino, a instituição visa a atender a demanda de alunos dos bairros do Dendê e Cidade dos Funcionários.

Há ainda, com o nome do estudante, um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Infantil, que visa a prestar assistência em saúde mental a crianças e adolescentes menores de 15 anos, no que diz respeito a transtornos psíquicos graves e uso de drogas. Inaugurado em 12 de janeiro de 2007, pela então Prefeita de Fortaleza Luizianne Lins, o CAPS está localizado na Rua Delmiro de Farias, 1346, no Bairro Rodolfo Teófilo.

Além disso, há uma rua na cidade de Quixadá, chamada Estudante João Nogueira Jucá; a medalha de bravura João Nogueira Jucá, comenda máxima do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará; e um conjunto habitacional da corporação que também leva o nome do estudante.

Luiz Carlos Nanán ressalta que tudo isso foi criado após o início da homenagem que a associação promove todos os anos em nome de João, ou seja, após a reativação da memória dele. “O seu nome estava no ostracismo, mas hoje em dia ele é muito mais lembrado do que antes”, afirma Nanán, satisfeito por estar cumprindo bem o seu papel de mostrar aos jovens de hoje os valores presentes no ato de João Nogueira.

O busto do estudante, hoje presente na Praça da Lagoinha, por pouco não foi transferido para a Praça do Liceu, próximo ao Corpo de Bombeiros, devido à depredação da primeira praça por feirantes. O fato ocorreu há 4 anos, quando o ex-vereador Durval Ferraz elaborou a proposta na Câmara dos Vereadores. No entanto, o projeto não vingou.

Naná afirma não ter concordado com o vereador, pois o incêndio ocorreu no Hospital Dr. César Cals, que fica ao lado da praça. Além disso, era na Praça da Lagoinha que João estava quando viu a tragédia que lhe desafiou. “Eu acho que para transferir o busto de João Nogueira Jucá deveria haver uma motivação concreta, mas o rapaz sequer foi estudante da escola que dá nome à praça. Portanto, o melhor local é a Praça da Lagoinha mesmo”, comenta

Nanan. Acerca da dilapidação do patrimônio público, afirma, o problema não é o local onde o busto está, mas a negligência do Poder Público quanto à preservação de seus bens.

## **2.2 Paloma Lima Bezerra**

Enquanto João Nogueira Jucá enfrentou o fogo com o objetivo de salvar vidas, outra fortalezense, de apenas quinze anos, lutou contra um inimigo tão perigoso quanto as chamas para ajudar um desconhecido. Em setembro de 2010, Paloma Lima Bezerra combateu a correnteza e a profundidade de um rio com desprendimento e bravura incomuns. Se foram distintos os desfechos das duas histórias, foi similar o impulso solidário que moveu os protagonistas.

### **2.2.1 A correnteza busca a vítima**

Embora não seja um dos principais pontos turísticos cearenses, a Praia da Sabiaguaba<sup>8</sup> é um espaço de notável beleza natural, especialmente por conta das dunas e manguezais que compõem sua paisagem. Apesar de belo, contudo, o cenário representa um risco para banhistas, especialmente na região em que se dá o encontro entre o rio Cocó e o mar, local em que se passou o segundo caso narrado neste livro-reportagem.

Em 5 de setembro, por volta do meio dia, o garçom Eudes dos Santos, que trabalha em um restaurante à beira da foz do rio Cocó, avistou três garotos, de aproximadamente 18 anos, que começaram cruzar o rio a nado. Do trio, dois conseguiram atravessar de uma margem a outra sem problemas. O terceiro, porém, não foi capaz de alcançar a terra. Com dificuldades para manter a cabeça fora d'água, o rapaz começou, através de gritos e gestos de desespero, a pedir socorro. Inicialmente, enquanto ia à cozinha pegar uma garrafa de refrigerante para servir uma mesa, Eudes achou que tudo não passasse de uma brincadeira do rapaz, já que este ora afundava, ora emergia novamente, como se simulasse o afogamento.

Ao levar o refrigerante à mesa, instantes depois, percebeu os gritos dos companheiros

---

<sup>8</sup> É separada da Praia do Caça e Pesca pela desembocadura do Rio Cocó. É uma praia tranqüila, com paisagem de dunas, coqueiros e faixa larga de areia clara, fina e fofa.

do jovem que se afogava. “Eu perguntei para o pessoal da mesa: ‘Ele tá se afogando mesmo? Então eu vou lá’”, conta. O garçom, que se encontrava a poucos metros da margem oposta àquela onde estavam os dois rapazes, correu em direção à água, ao mesmo tempo em que outros funcionários e frequentadores do restaurante tomavam conhecimento da situação. Entre eles, a jovem Paloma Bezerra.

O garoto que se afogava encontrava-se a cerca de 50 metros da margem. Embora a distância não fosse tão grande, ainda existia riscos, já que Eudes jamais teve treinamento para resgatar vítimas de afogamento e não tinha o hábito de entrar no mar. “Já fazia quase dois anos que eu não nadava. E fumando também... Eu senti um pouco o cansaço”.

Uma vez na água, o garçom alcançou o rapaz sem muitas dificuldades. A intenção era manter a cabeça do garoto fora d'água e ajudá-lo a nadar até a outra margem do rio. A partir desse instante, contudo, a situação agravou-se. Desesperado, a vítima agarrou Eudes pelo pescoço, na tentativa de emergir. Puxado em direção ao fundo, Eudes, assim como o jovem, não conseguia nadar. Se aquele processo continuasse, o garçom seria incapaz de resgatar o adolescente e poderia acabar se afogando também.

### **2.2.2 O inesperado impõe-se à fatalidade**

Com receio de que a ajuda de Eudes não fosse suficiente para o resgate, Paloma, em meio a outros espectadores da possível tragédia, tirou parte da farda, entrou em um dos caiaques usados para passeio naquela área e começou a remar com as próprias mãos em direção ao rapaz. Prestes a alcançar os dois homens, Paloma percebeu que o mais jovem afundava, como se, exausto, já não pudesse mais enfrentar a água. Também sem forças, Eudes não era capaz de trazer de volta o garoto à superfície.

Embora ciente dos riscos, Paloma resolveu saltar do caiaque e mergulhou em busca daquele que já parecia perdido. Nesse momento, eram dois os desafios da garota. Primeiro, precisava resistir à força da correnteza para conseguir segurar a vítima e não ser arrastada. Depois, quando o alcançasse, teria de ter energia o suficiente para tirar da água alguém mais forte e mais pesado que ela.

Ao submergir, a menina ficou de frente para o rapaz, agarrou-o pela cintura e puxou-o para cima, livrando-o temporariamente do afogamento. Sozinho, o garoto, exausto, não era

capaz de manter a cabeça fora d'água. Todavia, com a chegada de Paloma, os rapazes agora dispunham do caiaque, o qual passou a ser utilizado como boia até a vinda do socorro especializado, que não tardou.

Enquanto fazia a ronda do local, conduzindo um jet-ski, o cabo Francisco de Assis Abreu Neto observou sinais de socorro vindos da foz do rio. Ao aproximar-se, reconheceu Paloma, que lhe explicou rapidamente a situação e pediu que levasse a vítima até a margem. O bombeiro transportou o rapaz - que, embora consciente, estava atordoado - até a terra e, em seguida, levou Eudes e Paloma ao mesmo lugar. Passado o susto, o garoto, que não chegou a revelar seu nome para nenhum dos envolvidos no episódio – como frequentemente ocorre com pessoas resgatadas da força da água, foi liberado e deixou o local.

"Aquilo que ela fez não é aconselhável. Poderia ter havido duas vítimas", ressalta o Cabo Neto, que há 18 atua naquela região. Segundo ele, contribuiu para o sucesso do resgate o fato de o rapaz, quando Paloma chegou ao local, já estar cansado de lutar e por isso não tentar puxá-la, como fez com Eudes. O bombeiro enaltece a atitude da garota e destaca que o jovem que quase se afogou não seria a primeira vítima no local, já que ali muitos são os casos de afogamento, especialmente por conta do consumo de bebidas alcóolicas.

### **2.2.3 Como recompensa, a alegria**

Por conta do ato heróico, Paloma foi homenageada, no dia 16 do mesmo mês, na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental (EMEIF) Manuel Eduardo Pinheiro Campos, onde cursa a nona série. Durante a homenagem – proposta pelo técnico da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza João Alberto de Castro, que presenciou a ação da garota –, Paloma recebeu aplausos de estudantes e professores e foi agraciada com uma medalha de honra ao mérito.

A mesma jovem que, com bravura incomum, enfrentou a correnteza de um rio sem qualquer equipamento de segurança tremeu diante do evento. “Eu fiquei muito nervosa no palco, minhas pernas ficaram tremendo, com meus amigos todos lá”, relata Paloma. Apesar do nervosismo, conta, recebeu a homenagem com intensa alegria. “Foi linda demais. Pra mim, não teve coisa melhor que já aconteceu na escola. Aí agora todo mundo lá me chama de sereia. ‘Olha a sereia! Olha a sereia’”, comenta, com um sorriso de orelha a orelha.



A ansiedade não esteve presente apenas durante a homenagem. Durante o resgate, Paloma sentiu-se angustiada ao ponto de achar, no momento em que se atirou do caiaque, que seria ela também uma vítima das águas. O medo foi ainda maior devido ao fato de que Paloma, que sofre de epilepsia, poderia, diante de tal situação desesperadora, sofrer algum tipo de manifestação da enfermidade.

Mas nem mesmo esse temor a impediu de praticar o ato heróico. Ao perceber que Eudes poderia não conseguir resgatar o garoto, e vendo que ninguém mais no local se dispunha realmente a arriscar-se, Paloma assumiu para si a responsabilidade e opor-se às adversidades e fazer aquilo que considerava correto. “Eu tinha que salvar ele, salvar o Eudes. Mesmo eu não conhecendo ele, a sensação que eu tive foi que se eu fosse (e também se afogasse), eu ia ao menos ser salva no céu, que eu salvei uma vida.”

A alegria do resgate incomum foi partilhada também pelo pai de Paloma, Antônio Anastácio da Silva. “Foi como se eu que tivesse feito (o salvamento)”, comenta. Conforme Antônio, a filha, desde criança, demonstrava preocupação quanto à segurança de quem estivesse por perto.

Quando a família ia à praia, conta, Paloma observava onde nadavam as crianças menores e, caso achasse que havia risco, pedia que elas fossem para mais perto da areia. De todo modo, Antônio não pôde deixar de ficar surpreso por saber que a filha resgatara alguém em condições que lhe exigiram tanta bravura. “Eu fiquei feliz porque ela foi uma guerreira”.

Se a bravura fez Paloma não pensar em riscos, a solidariedade fez com que ela também não pensasse em recompensas. Mesmo o fato de a vítima não ter agradecido a nenhum daqueles que lhe salvaram não chegou a importunar a garota. Ao saber que a rapaz não fez sequer um agradecimento, um amigo de Paloma brincou recomendando que, caso o jovem se afogasse novamente, ela o deixasse se afogar.

“Ora, eu salvo, sim. Qualquer hora que ele precisar de mim, eu salvo”, destaca a moça, que diz considerar o resgate o episódio mais marcante que já vivenciou. “É muito melhor (um ato de salvamento) pra pessoa que salva. Acho que pra vítima nem foi tão marcante como foi pra mim”.

## **3. OBSTINAÇÃO E ESPERANÇA**

### **3.1 Coronel João Vasconcelos Sousa**

Ao contrário de João Nogueira Jucá e Paloma Lima Bezerra, os personagens retratados neste capítulo são profissionais treinados para realizar operações de salvamento. Apesar desse fato, as circunstâncias em que se deram os resgates deixam evidentes a bravura que levou os bombeiros a relegarem a segundo plano a própria existência em nome de seus semelhantes. No primeiro caso, a falta de equipamentos foi compensada pelo excesso de coragem.

#### **3.1.1 A mão protetora**

Do mesmo modo que a natureza, em determinadas ocasiões, exige do homem força e coragem extraordinárias para que desastres sejam evitados, o próprio acaso por vezes age em favor daqueles que lutam contra os acidentes. Na ocorrência a seguir, uma sucessão de fatores, somada à coragem de profissionais que não se negaram a agir diante de condições adversas, foi responsável pelo resgate de um garoto de apenas nove anos.

Na manhã do dia 14 de março de 2007, por volta das 11 horas, o Comandante Geral do Corpo de Bombeiros do Ceará, Coronel João Vasconcelos Sousa, saía da Secretaria de Segurança Pública, naquela época localizada no Palácio da Abolição, quando o subsecretário lhe pediu para dirigir-se a um evento na Assembléia Legislativa. Antes de chegar ao local, o comandante recebeu por telefone a informação de que não precisava mais ir para a cerimônia, uma vez que esta já havia começado e não seria adequado que ele chegasse à solenidade após o início.

Seguindo pela rua Tenente Benévolo, caminho que dificilmente fazia, o coronel João Vasconcelos e os companheiros sargento Uerlen de Rodrigues Farias e major Francisco Oliveira Júnior dirigiam-se em direção à avenida Dom Manoel quando o Sargento Farias alertou: “Coronel, o apartamento está pegando fogo”. De fato, um imóvel de dois andares localizado na rua Rodrigues Júnior, que cruza a avenida, incendiava. O coronel pediu para

que o sargento ligasse para o Centro Integrado de Operações de Segurança (Ciops) e solicitasse duas viaturas de incêndio e uma ambulância.

Quando os bombeiros desceram do carro e avançaram em direção ao local, populares informaram que havia uma criança no interior do prédio. “Oliveira, se a criança estiver lá, nós não podemos deixar ela morrer, não”, frisou o coronel ao major, que o acompanhou durante a operação. Ambos passaram então pelo portão do edifício, subiram as escadas e avistaram um garoto que corria no corredor em direção à rua. Chegando à porta do apartamento, os bombeiros notaram que ela já estava aberta, como se alguém já tivesse entrado ou saído do local. De todo modo, entraram no apartamento e tentaram ir até o quarto onde poderia estar a criança, mas, devido ao fogo e à fumaça, não conseguiram entrar no cômodo, voltando por um instante até o corredor. “Vamos ter calma”, advertiu o coronel.

Próximos da entrada do apartamento, ouviram os gemidos de uma criança. Observando cuidadosamente o interior dos cômodos, Oliveira percebeu de onde vinham os sons. Um garoto de nove anos estava escondido sob a pia do banheiro. Mais uma vez, os bombeiros entraram no apartamento, estando o major entrou de pé e o coronel, agachado. Oliveira conseguiu pegar o garoto e ergue-lo. Porém, por conta da quantidade de fumaça inalada, acabou caindo junto com a criança. Nesse momento, João passou a ter três preocupações, resistir ao fogo, resgatar o menino e salvar o companheiro inconsciente.

As chamas se espalhavam com rapidez pelo apartamento e as viaturas de combate a incêndio ainda não haviam chegado. O coronel estava sozinho e não podia perder tempo. A primeira ação foi recolher o menino do chão, passando a carregá-lo nos braços. Em seguida, dando um chute no colega, João conseguiu com que ele despertasse e o alertou para que saíssem imediatamente do local. Com a criança nos braços, o coronel saiu do apartamento e desceu as escadas até uma padaria, que ficava em baixo do apartamento, colocando em seguida o garoto sobre uma cadeira. Após dar um banho no garoto, os bombeiros perceberam que ele era portador da Síndrome de Down.

Para João, o sucesso do resgate foi “coisa de Deus”. Segundo ele, a primeira providência divina que possibilitou o salvamento do menino, chamado Alan Florêncio da Silva, foi o fato de eles estarem naquele local, por onde não costumavam passar, justamente no momento do incêndio. A segunda, ressalta, foi o arrombamento do portão pelos populares, o que facilitou a entrada dos dois bombeiros no condomínio. Por último, o garoto que cruzou o caminho dos bombeiros antes da entrada no apartamento. Ele era o irmão de Alan. Mesmo

em perigo, o menino abriu a porta do apartamento e conseguiu tirar o irmão do foco do incêndio – o quarto – evitando que Alan sofresse graves lesões. Contudo, não conseguiu tirar o irmão do apartamento, onde, caso os bombeiros não tivessem agido, o garoto poderia ter morrido. “Ali Deus colocou a mão sobre o Alan e disse: ‘Alan, fica tranquilo que eu vou fazer o possível pra te ajudar”.

### 3.1.2 Os fatos são revelados

Após a confusão que se instalara no local, a história começou a se desenhar. Os pais e os dois garotos moravam em um apartamento na Praia de Iracema, mas, por conta de uma reforma na moradia, foi alugada a quitinete na avenida Dom Manoel, para que a família passasse uma temporada, até que tudo estivesse terminado.

Naquele dia, a mãe tinha ido buscar o filho mais velho, que na época tinha onze anos, na escola. Ao deixá-lo na quitinete, partiu para comprar o almoço. Quando o garoto subiu e ao abrir a porta, percebeu o incêndio e tentou salvar o irmão, Alan. Embora fosse mais novo, Alan possuía uma estatura maior do que a do irmão mais velho.

O coronel relembra que, ao entrarem no local, perceberam que o incêndio era grande. Já fazia cerca de dez minutos que havia começado e o fogo já estava chegando ao teto. “A gente entrou e tinha muito fogo realmente. A gente saiu chamuscado nos braços, nas pernas e na farda. Foi uma situação bem crítica”, recorda. Conforme afirma, foi uma ação arriscada entrar no local sem equipamento algum, mas era o dever dos bombeiros agir naquele momento, caso contrário poderia ser tarde demais para Alan.

João ressalta que a ação toda foi “muito bonita”, ressaltando a emoção que sentiu durante o salvamento. Conforme o coronel, em meio às chamas, a força que sentiu foi tão forte que não chegou a sentir o peso do garoto que carregou nos braços. Quando chegou lá em baixo, tomou um susto ao perceber o tamanho do garoto. “Eu achava que estava carregando uma pena nos braços, de tanta energia que eu estava no momento”, explica.

O coronel também credita a postura adotada durante o incidente à posição que ocupava e que, ainda hoje, ocupa: o de comandante geral da corporação. “Além do nosso dia-a-dia, que já tem aquele afã de salvar pessoas, aquela coisa ficou mais forte ainda pela posição, né”. João acha que, caso acontecesse algo de ruim a Alan, a instituição seria

desmoralizada como um todo. No entanto, o garoto não sofreu nenhuma queimadura, por conta da rapidez e da agilidade com que agiram os bombeiros.

Alguns dias depois do episódio, Alan, acompanhado do irmão e dos pais, foi visitar o coronel na corporação. João lembra que o fato de ter salvado um garoto com Síndrome de Down o deixou mais feliz ainda. Além disso, a forma como o menino se referia a ele – “Meu herói!” – emocionou-o bastante. “Foi uma sensação muito gostosa a do reencontro. Ele (Alan) é uma figura muito especial”, afirma o comandante, que, ao tentar levantar o garoto novamente durante o reencontro, teve bastante dificuldade.

Em 11 de agosto de 2008, mais de um ano após o incidente, o Sargento Farias e o Major Oliveira, pela participação que tiveram no incidente, foram agraciados com a Medalha de Bravura João Nogueira Jucá, em solenidade realizada na Praça da Lagoinha, onde foi lembrado mais um ano da morte do garoto que deu nome à medalha.

Embora tenha sido um dos protagonistas do fato, o coronel João Vasconcelos não recebeu a referida medalha por ser ele o comandante geral da corporação e, portanto, aquele que deveria fazer a entrega da comenda. Ele acredita que esta é a medalha de mais destaque do Corpo de Bombeiros do Ceará e ressalta que não é fácil de recebê-la. É preciso passar por todo um processo administrativo para que seja entregue.

Aquela foi a primeira situação de incêndio envolvendo vítimas da qual João Vasconcelos participou. Foi também a operação que mais lhe ofereceu riscos. Da mesma forma, foi também aquela cujo êxito mais contentamento lhe trouxe. “Ali foi minha operação mais marcante”.

### **3.2 O resgate improvável**

Ao contrário dos relatos anteriores, a narrativa a seguir não dispõe de uma data precisa, tendo ocorrido entre o final da década de 1970 e o início da década seguinte. Todavia, o fato ocorrido, se não está mais presente nos registros oficiais do Corpo de Bombeiros do Ceará, permanece nítido na memória dos envolvidos.

### 3.2.1A tragédia se anuncia

Àquela época, quando era escassa a cobertura de água e esgoto na capital cearense, era bastante comum a construção de cacimbas que providenciassem o abastecimento. Embora corriqueira, a atividade, na maioria dos casos, representava riscos àqueles que cavavam o poço, uma vez que pequenos descuidos poderiam promover deslizamentos de terra e soterramentos. Nesse período, muitas ligações eram feitas ao Corpo de Bombeiros solicitando o resgate de pessoas soterradas – muitas delas já sem vida.

Em uma dessas ocorrências, em uma rua próxima à avenida 13 de Maio, conforme lembra o sargento – naquele tempo soldado – Antônio Gomes Costa, pai e filho trabalhavam na escavação de uma cacimba na casa de um oficial do exército. Ambos se revezavam no serviço. Enquanto um deles ficava no interior do poço, escavando a terra para dentro de um balde, o outro ficava na superfície, puxando o balde com terra. Em determinado momento, quando o filho, de 16 a 18 anos, estava no fundo da cacimba – que já contava com aproximadamente 11 metros de profundidade –, um desmoronamento de terra ocorreu, soterrando-o até os ombros e deixando-o imobilizado. O Corpo de Bombeiros foi acionado imediatamente.

Logo que chegou ao local, a guarnição montou um tripé sobre o buraco da cacimba. O bombeiro designado para realizar o resgate foi o soldado Gomes Costa. Prendendo-se a um cabo cuja extremidade estava presa ao tripé, Costa começou a descida até o fundo do poço. Por conta do peso imprimido pelo tripé à terra, esta cedeu mais um pouco e mais alguns centímetros do corpo do garoto foram soterrados.

Não havia tempo para pensar em soluções mais elaboradas. Com as próprias mãos, Costa escavava o poço e jogava a terra no mesmo balde que antes era utilizado por pai e filho. Pouco a pouco, o corpo do rapaz era descoberto e a operação caminhava para o sucesso. O poço, porém, iniciou a batalha. Enquanto Costa libertava a vítima, pequenos desmoronamentos aconteciam, agravando a situação e pondo em risco não apenas o rapaz, mas também o próprio bombeiro.

De dentro do poço, o soldado percebeu que a movimentação de curiosos, que circundavam a cacimba tentando acompanhar a operação, provocava os deslizamentos de terra. Desesperado, gritou para seus companheiros pedindo que os civis fossem afastados daquela área. Um perímetro maior de isolamento foi feito e os deslizamentos reduziram. O

resgate prosseguia e boa parte do corpo da vítima já estava descoberta. Todavia, a natureza impôs mais um obstáculo para o salvamento.

Um novo desmoronamento, maior que aqueles ocorridos após a chegada dos bombeiros, cobriu a maior parte do corpo do rapaz, ficando este novamente com terra quase até o pescoço, e também soterrou o soldado Costa até pouco acima da cintura. Em vez de uma, agora eram duas as prováveis vítimas do poço. Até mesmo o balde utilizado para o resgate acabou soterrado, precisando outro objeto ser improvisado pela guarnição. "Até falei pra ele: 'Rapaz, reze por nós dois, que agora eu estou no mesmo barco que você'", recorda Gomes Costa.

Era agora necessária a presença de um novo bombeiro no interior do poço. O comandante da guarnição solicitou que o soldado Gonçalves descesse e empreendesse o resgate. Prontamente, o soldado foi preso ao tripé e desceu até onde estavam presos Gomes Costa e o garoto.

Logo que alcançou a terra, Gonçalves descobriu a maior parte do corpo de Gomes Costa e ambos passaram a tentar ajudar o garoto. Se foi maior o esforço dos homens de livrar-se da terra, também pareceu maior o empenho do poço em sua busca por uma vítima. Um novo desmoronamento, maior que os anteriores, atingiu Gomes Costa e encobriu todo o corpo do rapaz, inclusive a cabeça. O resgate já não parecia possível. Mais uma vez, Gonçalves, menos atingido pelo desmoronamento, cavou mais terra até livrar o companheiro.

Por conta do peso da terra que lhe caiu sobre o corpo e pela tensão instalada naquele espaço confinado, Gomes Costa percebeu que não teria condições de prosseguir o salvamento e solicitou que fosse levado de volta à superfície. A essa altura, o restante da guarnição, percebendo a instabilidade do terreno, sabia que a continuidade do resgate representava um grave risco para os bombeiros.

Em pouco tempo, Gomes Costa foi puxado pelos companheiros que acompanhavam de cima o salvamento. Logo que ele chegou à superfície, os bombeiros exigiram o retorno de Gonçalves, que continuava lutando contra a terra para descobrir o rapaz, estando este ainda inteiramente coberto. A cada segundo, intensificavam-se os gritos da guarnição à beira do poço, exigindo o retorno imediato do soldado. Gomes Costa teve então a ideia de retirar o tripé que prendia Gonçalves e amarrar o cabo a uma mangueira próxima ao poço. Executada a tarefa, os desmoronamentos cessaram por alguns instantes.

### 3.2.2 A esperança vai ao cúmulo

Indiferente ao apelo dos companheiros e às ameaças do poço, que poderia se fechar por completo a qualquer momento, Gonçalves persistia na batalha travada contra a terra. Embora escavando a terra incansavelmente, Gonçalves sabia que as chances de a vítima ainda estar viva eram mínimas. Contudo, diante de todas as circunstâncias adversas, manteve a esperança e não parou até conseguir descobrir a cabeça do garoto. Nesse exato instante, a determinação foi recompensada. O rapaz, aparentemente inconsciente, expeliu um jato de saliva e terra para o alto e indicou que o resgate era ainda possível.

Motivado pela ideia de que o garoto continuava vivo, Gonçalves continuou cavando, ao passo que o jovem recobrava a consciência. Quando o soldado conseguiu descobrir o garoto até o tórax, perguntou-lhe em que posição ele estava, se de joelhos ou de pé. Tendo o rapaz respondido que estava de joelhos, o que significava que não havia tanta mais terra para ser escavada, Gonçalves, ciente de que cada segundo era precioso, desatou o cabo que lhe prendia. Em seguida, dando um nó que não apertaria caso fosse puxado, prendeu o cabo no corpo do rapaz, abaixo das axilas, e gritou para que os companheiros puxassem o jovem.

Quando foi puxado, o garoto soltou um grito intenso de dor e foi tirado finalmente da terra. Logo que a vítima chegou à superfície, o cabo foi lançado novamente ao soldado, que o agarrou e por ele subiu até a boca do poço. Nos instantes seguintes, Gonçalves presenciou as duas cenas mais marcantes de sua vida como bombeiro.

Primeiro, logo que alcançou a terra, viu o companheiro Gomes Costa, o pai e o garoto abraçados, os três chorando emocionados com o resgate. Logo após, ao caminhar na direção do trio, Gonçalves voltou-se para a cacimba apenas a tempo de ver o poço fechar-se quase que por completo, como se apenas esperasse o desfecho do ato heróico para engolir toda a terra por perto. Por uma questão de segundos, vítima e bombeiro não foram aprisionados dentro do poço. A operação foi concluída com êxito.

Do mesmo modo que o poço não chegou a vitimar nenhum dos envolvidos no episódio, o tempo também não foi capaz de apagar da memória de Gonçalves os detalhes daquele salvamento. “Eu me arrepio todo só de lembrar”, comenta, enquanto mostra o antebraço. O bombeiro credita o êxito da operação ao excelente preparo físico e psicológico de que dispunha naquela data, uma vez que a luta contra o poço lhe fez alcançar o limite de suas forças. Primeiro, foi necessária a força dos braços para escavar com rapidez a terra, o



que, por si só, já foi um procedimento cansativo. Com os sucessivos desmoronamentos, fez-se imprescindível o bom preparo psicológico para resistir ao risco constante daquele lugar confinado, bem como à pressão exercida pelos companheiros. Além disso, Gonçalves também precisou fazer uso da rapidez de raciocínio, essencial para a rápida retirada da vítima. "Lá (no interior da cacimba), a sensação que dava não era de medo, era sensação de morte", ressalta.

Hoje, Gonçalves busca entre os arquivos do Corpo de Bombeiros do Ceará os registros daquela operação. O desejo é encontrar o rapaz ou ao menos sua família - o que, após o incidente, jamais aconteceu. De todo modo, guarda as recordações daquela data como quem guarda um verdadeiro tesouro, cujo brilho o envolve de orgulho e alegria. "A pressão era grande, mas o desejo de salvar é bem maior, com certeza. É uma sensação incrível".

## 4. A ETERNA LUTA CONTRA A NATUREZA

### 4.1 Praia do Futuro

O combate contra as forças da natureza sempre foi um dos desafios para a sobrevivência do homem. Este, ciente do poder do adversário, costuma evitar o confronto. Em determinados casos, todavia, o homem, ainda que impotente diante das tragédias que lhe são apresentadas, encara com dignidade os riscos e atinge o ápice da resistência em situações que evidenciam a fragilidade do corpo e a fortaleza do espírito.

Os fatos narrados a seguir expõem situações que levaram os bombeiros ao limite que separa a vida da morte. Tão logo se recuperaram dos ferimentos, voltaram a encarar a morte com a mesma obstinação, ignorando a possibilidade de a natureza vir a vencer o confronto.

Em 14 de dezembro de 1997, o cabo Zaíres Vieira Dantas contava quase dois anos de atuação em salvamentos na praia. Naquela data, por volta das 11 da manhã, havia saído para correr – uma das práticas usadas pelos integrantes da corporação para manter o preparo físico durante o horário de serviço. Embora estivesse correndo, observava atentamente o mar, que se encontrava mais agitado que o de costume. Já prestes a chegar ao posto de onde assistia à movimentação dos banhistas, percebeu um afogamento triplo que iniciava. Em frente à barraca de praia Itapariká, localizada na Praia do Futuro<sup>9</sup> – onde se deu a ocorrência –, também estavam os cabos Barbosa e Gilailson e o soldado Dias.

Como vinha da corrida que fizera, Dantas, ao dar-se conta da ocorrência, não retornou ao posto, confiando que os outros três integrantes da guarnição trariam o material de salvamento. “Normalmente a gente entra com o material como a nadadeira e o flutuador – equipamento utilizado em salvamentos aquáticos para dar um apoio à vítima e facilitar o trabalho do bombeiro. Os meninos vieram, mas esqueceram. Foram sem nada”, explica o cabo, que não teve alternativa senão agir sem qualquer equipamento. “Aí o bicho pegou”, recorda.

As vítimas eram um menino, uma moça e um rapaz, os dois últimos com idade entre 20 e 25 anos. Como foi o primeiro a entrar no mar, Dantas nadou em direção à moça, que estava mais distante. Esse é o procedimento no caso de afogamento com várias pessoas: o primeiro a entrar deve buscar quem está mais longe. Cabo Gilailson partiu em direção ao

---

<sup>9</sup> É uma praia e também bairro na área leste de Fortaleza, capital do estado do Ceará.

menino, que estava mais próximo da areia, e logo conseguiu resgatá-lo. Ao retornar ao mar, partiu em direção ao rapaz. Cabo Barbosa e Soldado Dias nadaram buscando a moça, que já estava sendo socorrida por Dantas.

Com a chegada dos dois companheiros, Dantas percebeu que havia três bombeiros salvando a moça e somente um ajudando o rapaz. Resolveu então voltar e dar apoio a Gilailson. Com o apoio de Dantas, Gilailson conseguiu retirar o rapaz do mar. Contudo, as forças da maré acabou por lhe deixar sem forças para ajudar no salvamento da terceira vítima. Quando chegaram à areia, um homem que observava toda a operação entregou a Dantas o flutuador que os bombeiros haviam esquecido.

Cabo Dantas retornou ao mar para dar apoio no salvamento da moça. Nesse momento, por conta da força da maré, ela e os bombeiros que estavam tentando salvá-la já estavam bem distantes da superfície. “Eu não sei de onde eu tirei força para levar o flutuador até lá”. Quando estava próximo do local, Dantas percebeu uma grande onda aproximando-se. Ela quebrou exatamente onde estava o trio, carregando cada um para um ponto diferente. O cabo Barbosa, que estava segurando a moça, foi levado para longe e acabou saindo do mar, nadando em direção ao ponto onde as ondas não quebravam. Dantas, ao ver que a moça afogava-se novamente, tratou rapidamente de ir até onde ela estava e segurá-la. Já o soldado Dias ficou sozinho, em um ponto crítico por conta da força da maré. A situação agravou-se a partir desse ponto.

Dias voltara de férias havia poucos dias e tinha comido bastante antes de entrar na água. Devido ao esforço realizado, começou a sentir-se mal. “Foi tipo uma congestão. Aí ele começou a gritar pedindo ajuda”, explica Dantas, que só conseguia segurar a moça graças ao flutuador que havia recebido quando estava na superfície. A cada nova onda, mais energia perdiam os bombeiros. O cabo passou a enfrentar, então, além da força das águas, um dilema.

Naquele momento, percebeu que teria de escolher entre a vítima, em estado de choque, gritando o tempo todo que ia morrer, e o companheiro de trabalho, que suplicava por socorro. Se a situação continuasse do mesmo jeito por mais alguns minutos, o soldado se afogaria. Por sorte, um surfista que nadava naquela área, percebendo o que se passava, foi até Dias e entregou-lhe sua prancha, a qual passou a ser utilizada como boia improvisada.

Em casos como esse, a Corporação recomenda que o bombeiro dê prioridade à vítima, tendo em vista que esta não tem o preparo que o profissional tem, ou seja, é mais fácil para ele

se salvar. Todavia, Dantas sentiu o peso da escolha. “Houve um momento em que eu olhei para o Dias gritando e pensei: ‘Rapaz, eu vou deixar ela aqui e vou para onde ele está’”. No entanto, após a intervenção do surfista, ficou menos nervoso e continuou segurando a moça. De todo modo, o companheiro ainda estava em situação de risco. Os outros dois bombeiros, embora a salvo, já não tinham energia suficiente para ir a seu encontro. Ele mesmo já não era capaz de carregar a vítima para a areia. O afogamento triplo que antes pareceu solucionado poderia se concretizar novamente.

Enquanto o episódio caminhava para um final trágico, um homem que trafegava de moto pela praia, alertado por aqueles que assistiam à cena, foi buscar ajuda dos bombeiros que se encontravam nos outros postos da Praia do Futuro. A barraca Itapariká ficava entre duas torres de apoio da corporação, cada qual a uma distância de aproximadamente 800 metros do local. Delas vieram quatro bombeiros para ajudar a resgatar o Soldado Dias. Além deles, uma ambulância e uma viatura de salvamento também foram enviadas.

Quando o apoio chegou, um cabo de 100 metros de comprimento foi esticado para facilitar no salvamento. A tática seria um bombeiro, preso ao cabo, nadar até onde se encontravam Dantas, Dias e a moça para fazer uma amarrar o trio. Em seguida, os integrantes da corporação que estivessem na areia começariam a puxá-los. No entanto, nem mesmo quando foi atado ao cabo outro equipamento semelhante, este de 50 metros, foi possível chegar onde o trio estava, tamanha era a distância em que se encontravam da areia.

No mar as coisas continuavam complicadas. Devido às ondas, Dias se distanciava cada vez mais de Dantas. Em meio aos gritos do companheiro e da moça, parecia que as coisas não iriam acabar bem. Em alguns momentos passou pela cabeça de Dantas o pior. A moça ficou o tempo todo em pânico e tentava segurar-se nele a todo custo. Enquanto isso, Dias sentia câibras na barriga e vomitava. Até que o apoio resolveu buscá-los sem a ajuda do cabo, que não tinha o tamanho necessário para chegar ao local. A essa altura, cerca de 40 minutos já haviam se passado desde que os bombeiros tinham entrado no mar.

Com esforço, alguns dos bombeiros que vieram das barracas vizinhas alcançaram Dantas e a moça, transportando-os de volta para a areia. Quando o outro grupo, destinado a salvar Dias, aproximou-se do bombeiro, este, ao ver que os companheiros chegavam, caiu inconsciente sobre a prancha, prestes a afundar. Vencendo as ondas, os bombeiros conseguiram impedir o afogamento do companheiro e o trouxeram de volta. Tendo sido salvo,

Dias foi internado, uma vez que havia entrado água em seus pulmões, e passou cerca de um mês sem trabalhar.

“Eu me lembro muito desse afogamento, devido aos gritos do meu amigo pedindo ajuda e eu não poder ir lá. Além da demora, porque foi muito tempo dentro da água”, comenta o cabo Dantas, que considera esta a operação mais marcante da qual participou. “Eu nunca tinha visto o mar daquele jeito”, destaca o cabo, que hoje possui 15 anos de trabalho no Corpo de Bombeiros.

Uma semana depois do fato, Dantas recebeu uma surpresa. A moça que fora salva foi até a praia novamente para agradecer. Quando o encontrou, ela abraçou o e chorou de emoção. Para os integrantes da Corporação, destaca o cabo, esse reconhecimento é muito gratificante, embora não seja tão freqüente. Em geral, esclarece, as vítimas saem da água tão atordoadas, que nem sequer se lembram de agradecer.

Além de evidenciar a necessidade do bom preparo físico e mental do bombeiro, a situação vivida por Dantas também é um dos exemplos de casos nos quais os próprios profissionais de resgate, apesar do treinamento, acabam tornando-se vítima e necessitando do auxílio de terceiros. No caso, os salvamentos foram possíveis através da boa vontade dos próprios civis que se encontravam no local – o homem que entregou o flutuador ao bombeiro, o surfista e o motociclista. Sem a iniciativa daqueles que não hesitaram em ajudar da forma como foi possível, teria falhado a missão essencial do Corpo de Bombeiros – “vidas alheias e riquezas salvar”.

## **4.2 Rio Ceará**

Há 23 anos na reserva, o subtenente Edigar Martins da Silva guarda com alegria a memória de diversas ocorrências nas quais precisou enfrentar a natureza até o limite de suas forças. Aquela que mais lhe marcou é também uma de suas lembranças mais antigas na Corporação. Em meados da década de 1960, quando ainda era soldado, Edigar, participou de uma ocorrência localizada na embocadura do rio Ceará<sup>10</sup>, onde ainda não havia nadado. Em

---

<sup>10</sup> É um rio brasileiro que banha o estado do Ceará. Sua foz, assim como os últimos quilômetros do seu curso, é a divisa entre os municípios de Caucaia e Fortaleza.

determinada tarde de domingo, logo após o almoço, o Corpo de Bombeiros foi acionado para localizar o corpo de uma garota que havia se afogado no rio.

Logo que chegou ao local, a guarnição, tentando colher dados que indicassem onde poderia estar o corpo, percebeu que a informação que havia sido passada à Corporação deveria ser falsa, já que as pessoas interrogadas sobre o suposto acontecido não confirmavam o fato e não havia qualquer familiar da possível vítima por perto.

Naquele momento, a maré estava secando, ou seja, a velocidade das águas era maior no sentido rio-mar. O fato de que a largura do rio, nessas condições, ser menor intensificava a correnteza. Então veio a ordem do chefe da guarnição. Um sargento, cujo nome Edigar não recorda, mandou que os três soldados que o acompanhavam – Edigar, Mendes e Pinheiro – mergulhassem no rio, como uma forma de dar satisfação à comunidade que lá estava, embora soubessem, através dos depoimentos, que o óbito não deveria ter ocorrido.

Quando mergulharam pela primeira vez, por conta da velocidade da correnteza, retornaram à superfície já a cerca de 30 metros de distância do ponto onde submergiram. “Naquela época, ninguém conhecia as águas da Barra do Ceará”, frisa o subtenente. Quanto mais os bombeiros nadavam, mais se distanciavam da areia. “A gente dava 20 braçadas, mas voltávamos 50 metros”, comenta. Em determinado momento, os bombeiros chegaram a um ponto de onde não conseguiam mais ver a praia. Eram 13h. Por volta de 16h, ainda nadando contra a correnteza, os soldados chegaram à conclusão de que não conseguiriam mais sair do rio. Não fosse o preparo físico de que dispunham, certamente teriam se afogado após tanto tempo nadando. O desespero tomava conta de suas mentes. De qualquer forma, Edigar, mesmo prevendo o pior, tentava incentivar os companheiros, ressaltando que o sargento mandaria alguém para tirá-los de lá.

Naquelas circunstâncias, a única saída encontrada pelo subtenente foi apelar para a fé. Quando criança, era devoto de Maria. Já adulto, a devoção passou para Santo Antônio de Pádua. Em certo momento, lembrou-se do santo e, pelo pensamento, pediu para que ele mostrasse um meio de sair daquela situação. Imediatamente, passou “um filme” em sua mente. Edigar se viu no quartel, em uma espécie de reunião, na qual o Sargento Manoel Alves, hoje falecido, dizia para os bombeiros que, em situações em que eles estivessem próximos de se afogar, a melhor saída seria boiar, colocando o tórax para cima, abrindo os braços e mexendo somente as pernas. O soldado alertou os companheiros, que adotaram o procedimento.

Por volta de 16h30min, chegou a salvação. Enviado pelo sargento, um dos integrantes da Corporação, navegando em um bote de borracha, chegou onde estavam os soldados. Pouco tempo depois, um pescador, também enviado pelo comandante da guarnição, chegou ao local com o seu barco baleeira, de aproximadamente 4 metros de comprimento. O pescador atou o barco ao bote onde estavam os bombeiros, que reuniram as forças que ainda lhe restavam e remaram de volta para o ponto onde haviam mergulhado inicialmente.

Quando chegaram à praia, às 17h30min, Edigar observou um fato curioso. Várias velas haviam sido acesas na areia, indicando que as pessoas já estavam quase que certas da morte dos três. No quartel central do Corpo de Bombeiros, ninguém jantou, por conta da ideia de perda dos companheiros. Para o subtenente, a sobrevivência se deveu à ação de Deus, por intermédio de Santo Antônio de Pádua, ao pescador e à inspiração que lhe levou a para boiar. Mesmo após um episódio tão dramático, que quase culminou na morte de três bombeiros, o trio permaneceu na Corporação ainda por muitos anos.

### **4.3 Sabiaguaba**

Existe um local no litoral de Fortaleza que guarda uma beleza de encantar qualquer turista que para cá tenha a intenção de vir. Localizado entre as praias do Caça-e-Pesca<sup>11</sup> e da Sabiaguaba, ele é exuberante por ser o encontro do rio Cocó, que corta boa parte da capital cearense, com o oceano Atlântico. Um dos maiores perigos escondidos pela beleza natural da paisagem é um paredão de pedras de aproximadamente 30 metros. Por conta das pontas afiadas das pedras e das ostras que permanecem no paredão quando o mar recua, as rochas cortam a carne humana com facilidade. Um simples impacto contra o paredão, em alguns casos, pode ser fatal.

Os soldados Araújo e Santiago do Corpo de Bombeiros do Ceará tiveram a oportunidade de ver o local, mais conhecido por eles como “boca do lobo”, com a maré baixa e com a maré alta durante o recrutamento pelo qual passaram. “É muito perigoso. Não é qualquer um que passa ali”, comenta Santiago, ressaltando que ao longo dos cerca de 30

---

<sup>11</sup> Praia localizada no extremo leste de Fortaleza.

metros de pedras, há um buraco de dois metros de diâmetro facilmente localizado quando a maré está seca, mas que representa verdadeiro perigo durante a maré está cheia.

Várias pessoas preferem passar de uma praia à outra nadando por um local que fica próximo à “boca do lobo”, onde a distância é menor. Contudo, muitas desconhecem o perigo que a travessia representa, já que a força das águas no local dificulta o nado. É nessa área onde a guarnição geralmente fica para observar aqueles que se aventuram na travessia. Na maioria das ocorrências, diante de uma ação rápida, é possível remover a vítima da água sem passar próximo às pedras. Porém, em determinados casos, nos quais a correnteza arrasta a pessoa para junto das pedras, a única é o buraco de dois metros que existe no paredão. Foi essa a única alternativa do soldado Araújo durante o salvamento mais perigoso que já realizou.

Era mais um dia de trabalho naquela área crítica, no segundo semestre de 2009, houve, como quase todos os dias, quem tentasse atravessar a nado aquele local aparentemente tranquilo. Um casal de namorados tentou a sorte. O rapaz conseguiu chegar à outra margem do rio sem problemas. A moça, porém, foi arrastada pela correnteza em direção às pedras. O homem, desesperado, começou a pular e gritar por socorro, que não demorou mais de dois minutos.

Estavam de serviço no local os soldados Araújo e Ribeiro. O primeiro entrou na água com o flutuador. O segundo, com as nadadeiras, que agilizam o nado e proporcionam maior rapidez no atendimento da ocorrência. Antes de iniciar o expediente, os bombeiros fazem uma espécie de acordo para saber quem vai ficar com qual equipamento. Entra primeiro na água aquele que está com o flutuador, pois não perde tempo calçando a nadadeira. Foi assim que eles procederam naquele dia.

De longe, o soldado Santiago acompanhava todos os passos dos companheiros. Mesmo preparados para ações desse tipo, ele lembra que ficou receoso em ver os soldados próximos à “boca do lobo”. “Ali é perigoso. Como é que eles vão passar”, perguntou-se, quando teve que voltar, providencialmente, para o seu posto, sem saber que outra ocorrência estava por vir.

O soldado Araújo nadou rapidamente em direção à vítima. Antes dele, um dos banhistas que estavam próximos tentou salvar a moça, mas foi em vão. Uma onda jogou-o contra as pedras e ele, bastante cortado pelo impacto, agarrou-se em uma delas, desistindo do



salvamento. Embora treinado para enfrentar situações do gênero, Araújo também teve dificuldades na operação. Quando o soldado se aproximou da moça, uma onda o jogou contra o paredão e sua perna esquerda bateu na quina de uma pedra. “Na hora mesmo a minha perna endureceu toda. Ficou quase sem movimento”, relembra.

Embora o impacto tenha machucado a perna, o soldado destaca que pior teria sido caso o membro tivesse ficado preso entre as pedras. Naquela profundidade, de aproximadamente três metros, isso significaria a morte. “Eu acredito na ajuda de Deus”, destaca o soldado, que ainda ficou cerca de cinco segundos em baixo d’água, conseguindo respirar apenas quando a maré recuou.

Apreensivo, Santiago assistia à ocorrência, quando notou um afogamento duplo tendo início em uma parte menos agitada do rio. Duas crianças, de aproximadamente dez anos, lutavam contra a profundidade. Imediatamente, o soldado pegou o pranchão – espécie de flutuador com cerca de 3 metros de comprimento – e disparou em direção à água.

Ainda ferido, Araújo insistiu em sua luta contra a maré, que puxava a vítima para a morte. Em questão de instantes, a moça poderia afogar-se de fato. Mesmo com uma das pernas quase inutilizada, conseguiu nadar até o alvo. Quando chegou onde a garota estava, levantou-a e, com a ajuda do companheiro Ribeiro, que chegou logo em seguida, passou pelo espaço de dois metros que existe entre as pedras, nadando ainda cerca de 300 metros rebocando a vítima, até que os três à areia. Em outro ponto do rio, Santiago colocava as crianças sobre o pranchão e as trazia de volta a um local seguro.

A primeira vítima, de 21 anos, saiu tão transtornada que não chegou a agradecer aos soldados, que já não esperavam por gentilezas, uma vez que já estão acostumados à reação das pessoas diante de uma situação tão desesperadora. Naquele mesmo dia, Araújo, apesar do ferimento, realizou três outros salvamentos, que não tiveram o mesmo grau de complexidade. O soldado Santiago elogia o companheiro, ressaltando a dificuldade daquela ocorrência. “Será que eu teria nadado com aquela rapidez e presteza para tirar a moça de lá”, questiona-se.

Araújo nunca deixou que morresse alguém em seus braços. Nos dois anos de atuação na Corporação, já resgatou naquela região um número incontável de crianças, homens e mulheres. Enquanto desafia, diariamente, a maré, a correnteza e as pedras, em prol de seus semelhantes, reconhece nas vítimas um ente que não pode deixar de ser socorrido. “(A vítima)

Sempre é alguém da família. Se for mais velho, é o pai. Se for mulher, é a mãe ou a esposa. Se for criança é o filho”.

## 5. HUMANOS ANTES DE TUDO

### 5.1 Subtenente Gonçalves

Francisco das Chagas Fernandes Gonçalves nasceu em São Luís do Curu, município localizado a 79 quilômetros de Fortaleza, em 16 de outubro de 1947. De lá, ainda muito novo, partiu para a cidade de Seringal, no estado do Amazonas. Na região Norte, trabalhou embarcado durante cinco anos, transportando pele de seringa e castanha-do-Pará<sup>12</sup>. Nessas viagens, um dos divertimentos de Gonçalves era tomar banho nos rios da região, que abrigavam animais perigosos. “Eu tomava banho normalmente em rio de piranha e jacaré. Pulava na água, nadava...”, afirma o bombeiro, que ignorava as constantes advertências feitas pela população local.

Por volta dos 17 anos, retornou ao estado de origem, estabelecendo-se em Fortaleza, onde começou a trabalhar em uma fábrica de louça no bairro Montese<sup>13</sup>. Após um ano, um primo de Gonçalves, que já fazia parte do Corpo de Bombeiros, informou-lhe que estavam abertas inscrições para a corporação. Muito confiante na disposição do jovem, o primo afirmou: “Negão, tu passa!”. Gonçalves topou de cara, mas confessa que nunca tinha pensado em exercer a profissão e que, à exceção de seu primo, nunca havia visto um bombeiro.

Naquela época, os testes eram exclusivamente de resistência, ao contrário de hoje, em que os candidatos devem se submeter a provas escritas também. “Na época, era bem pesado. A gente tinha que saltar de uma caixa d’água, tinha que carregar um companheiro que fosse da estatura da gente nas costas e correr um pouco com ele. Era bem pesado, mas eu passei de primeira”, explica Gonça, como é conhecido na Corporação. Após essa fase, os aprovados passavam por um recrutamento de 10 meses.

---

<sup>12</sup> A castanha-do-pará, ou castanha-do-brasil é a semente da castanheira-do-pará (*Bertholletia excelsa*) uma árvore da família botânica Lecythidaceae, nativa emergente da Floresta Amazônica.

<sup>13</sup> Bairro localizado a 5 km do Centro de Fortaleza, conhecido pelo seu intenso comércio (1456 estabelecimentos). Forma uma região denominada de "Grande Montese" que é composta por esse bairro e os vizinhos Parreão, Bom Futuro, Damas, Jardim América, Itaóca, Aeroporto e Vila União. Seus principais pontos de referência são a Igrejinha de Aparecida, o IMPARH (centro de línguas) e o comércio das ruas Gomes de Matos e Alberto Magno.

Durante esse período, ficou evidente a habilidade do jovem na água. Gonçalves logo passou a fazer parte da guarnição de busca e salvamento, cuja sede era o quartel central da Corporação, em frente à Praça do Liceu<sup>14</sup>. Hoje, está localizada na avenida Presidente Castelo Branco. Foi na guarnição de salvamento onde Gonçalves trabalhou durante toda a sua vida.

Ele nunca teve medo de atuar. Nem no início, momento mais crítico para um bombeiro. O receio de encontrar e ter que resgatar o primeiro cadáver em buscas aquáticas era um verdadeiro terror para muitos dos novos soldados. “Eu cansei muitas vezes de chegar e ver que só eu era o mergulhador”, afirma Gonça, que nunca se deixou abater com a situação.

Destacando-se desde o início, Gonçalves ganhou a confiança de todos no quartel, inclusive dos superiores, os quais, como forma de teste, colocavam-no em situações complexas para observar seu desempenho. O subtenente nunca desapontou. “Manda o Gonçalves que está resolvido”, era assim que falavam os superiores quando tinham que destacar alguém para missões complicadas. Alguns ex-comandantes e coronéis chegaram a comentar com o subtenente, muito tempo depois, que a primeira pergunta que faziam ao entrar no quartel era saber se Gonça estava de serviço.

Apesar de se destacar bastante na água, Gonçalves também participava de operações terrestres e aéreas. Antes da criação do Grupo de Salvamento de Urgência (GSU), todas as situações de urgência eram de responsabilidade do grupo de salvamento do qual fazia parte. Abalroamento, acidentes rodoviários, ferroviários e aéreos, salvamento, proteção, resgate de cadáver e de objetos, como motores e lanchas, em lagoas e açudes, etc representavam apenas parte das tarefas desempenhadas. Mesmo em situações que tendiam a abalar emocionalmente os profissionais – como desastres com vítimas - Gonçalves apresentava bom desempenho. “Vítima presa nas ferragens era uma das coisas que mais faziam a gente sofrer. Houve muitas operações que abalaram o coração da gente, mas não podíamos demonstrar, embora estivéssemos sofrendo junto à família. Tínhamos que nos manter firmes”.

Ao falar sobre o trabalho que ele e sua guarnição realizavam, Gonçalves lembra que a maior contribuição deles foi “dar nome” à Corporação. “Diziam até que era a sala de visitas do Corpo de Bombeiros”, afirma, tendo em vista que apresentavam os maiores trabalhos, além de atuarem em todas as áreas e de raramente ficarem no quartel. Eles representavam a

---

<sup>14</sup> Praça Gustavo Barroso, mais conhecida como Praça do Liceu, em virtude de estar localizada em frente ao histórico prédio do Colégio Estadual Liceu do Ceará no bairro Jacarecanga.

corporação a todo o momento e eram os que mais se destacavam. Com orgulho, o bombeiro destaca que nunca ninguém chegou a morrer em suas mãos.

Hoje, os trabalhos da corporação estão mais segmentados. Existem várias guarnições em diferentes áreas da cidade. São dez quartéis localizados somente em Fortaleza, além dos que estão em cidades estratégicas do interior do Estado. Esse foi um dos fatores que aperfeiçoou o trabalho do Corpo de Bombeiros, pois a divisão em postos estratégicos agilizou o atendimento de ocorrências. Além disso, a informatização do sistema e a prevenção de acidentes, que hoje é bem maior, são causas da melhora do serviço. Grandes incêndios, como o da Casa de Saúde Dr. César Cals, não eram corriqueiros, mas ocorriam com maior facilidade. Atualmente o cuidado em evitar fatos como esse é mais eficaz.

Apesar das mudanças, que só vieram a contribuir para o Corpo de Bombeiros, a concepção de bombeiro que Gonçalves tem não se alterou. Segundo afirma, é preciso ter vocação e, acima de tudo, trabalhar com empenho para a Corporação. O espírito humanitário também deve estar presente, pois o que esse profissional preza, mais do que qualquer coisa, é a vida humana. “Eu sempre digo pra turma o seguinte: 'olha isso aqui que vocês estão vestindo não é uma farda não, é a pele de vocês”.

Em 1995, quando completou a idade para aposentar-se, Gonçalves o fez, mas a pedido do comando e também pelo amor que tem pela profissão, aceitou voltar. Em 2010, completou 43 anos de corporação e é sempre “um problema” o dia em que não põe os pés no quartel. “O Bombril tem 1001 utilidades, o bombeiro tem 1002 e eu tenho 1003, segundo a rapaziada aí”, acrescenta, aos risos.

Além do amor e da dedicação que tem pela Corporação, Gonçalves alimenta outra paixão: o mergulho. Foi instrutor de recrutamento durante vários anos, formando, diretamente, diversas turmas de bombeiros que estavam iniciando. Durante os cursos, dava aulas de várias matérias relacionadas ao trabalho de bombeiro, mas gostava especialmente das de mergulho. Gonça acredita que, entre civis e militares - pois também trabalha na Operadora Atlântida<sup>15</sup> - que forma mergulhadores, já deve ter formado aproximadamente oito mil pessoas, dentre cearenses, mineiros, cariocas, paulistas e candangos, que são os mais presentes nos cursos.

---

<sup>15</sup> Operadora de Mergulho localizada na rua Luiz Girão, no bairro Cidade dos Funcionários, em Fortaleza.

A rigidez e disciplina com que ele tratava os alunos refletem-se também nas operações realizadas no dia-a-dia. Sempre rigoroso e esforçado, nunca desistia do principal objetivo da corporação: proteger a vida. Essa forma característica de lidar com as situações foi responsável pelo resgate de muitas vidas, dentre elas a de um rapaz que, por conta de uma distração, acabou vivendo momentos de desespero, seguidos por instantes de felicidade, principalmente para Gonça.

Em determinado domingo da década de 1980, os bombeiros precisaram atender urgentemente uma ocorrência no bairro Henrique Jorge<sup>16</sup>. Os moradores do local estavam comemorando um aniversário, por volta das 16 horas. Durante a festa, um casal de jovens namorados escorava-se sobre a borda de tijolos de uma cacimba, quando, inesperadamente, parte da borda cedeu, caindo direto no fundo do poço. Junto dos tijolos, despencou o rapaz.

Quando chegar ao local, a guarnição de Gonçalves não tinha informações sobre o estado de saúde do garoto. Se ele ainda estava vivo ou se entrara em óbito, não se sabia. Estavam todos apavorados. Alguns diziam: “Olha, já faz alguns segundos que ele desapareceu (da superfície da água)”. Outros discordavam: “Não, não. Já faz alguns minutos”. De todo modo, o fato de o rapaz, que conseguiu boiar por alguns minutos, estar agora submerso em uma profundidade de cerca de quatro metros complicou a situação.

O subtenente, como era de praxe, cuidou logo de ficar de calção e pôr um capacete. Em missões como essa, em que havia alguém dentro de uma cacimba, a proteção da cabeça era prioridade, tendo em vista problemas pelos quais a guarnição já havia passado, quando um bombeiro, após determinado salvamento, já próximo de sair da cacimba, fora atingido por um tijolo que despencou.

Quando estava pronto, Gonçalves correu e, segurando-se em uma corda, arremessou-a dentro da cacimba, descendo em seguida. “Cheguei rápido onde estava o cara, peguei ele e subi”, afirma Gonçalves, que nem sequer esperou a guarnição jogar o cinto para facilitar a subida com o rapaz. Em seguida, a guarnição colocou a vítima em uma maca que, por conta de uma série de cabos que estavam dentro da viatura, ficou mal posicionada. “Eu acho até que isso ajudou, porque ofereceu uma boa posição pra eu fazer a RCP”, explica Gonça, referindo-se à ressuscitação cardiopulmonar - uma das manobras mais utilizadas pela corporação em situações de afogamento.

---

<sup>16</sup> Bairro da Zona Oeste de Fortaleza, capital do Ceará, que faz parte da Secretaria Executiva Regional - SER III.

A trajetória até o hospital foi de aproximadamente dez minutos. A viatura seguiu pela avenida Bezerra de Menezes<sup>17</sup>, em direção ao Instituto Dr. José Frota, no Centro. Enquanto isso, Gonçalves, desde o momento em que o rapaz foi colocado na viatura, continuava fazendo a manobra, visando a alguma resposta da vítima. Mas nada acontecia. “Eu achava que ele já estava morto. Mas, como dizem as instruções, você nunca deve desistir. Faz até entregar ao médico”, explica.

Quando a viatura aproximou-se do antigo Supermercado Jumbo<sup>18</sup>, próximo ao Mercado São Sebastião<sup>19</sup>, no Centro, o subtenente, ao realizar uma das duas insuflações na vítima, assustou-se com o jato de água, misturada com vômito que saiu da boca do rapaz. Era a tão esperada reação. Em pouco tempo, o rapaz pôde ser reanimado e não corria mais risco de vida. Não fosse a habilidade e rapidez com que agiram, o garoto não teria sobrevivido.

Do mesmo modo que participava de ações do gênero, em que o risco à vítima era evidente e o tempo era escasso, Gonçalves também agia em ocorrências mais simples, que, aparentemente, não exigiriam tamanho esforço. Contudo, o inesperado, como um dos obstáculos dos bombeiros, podia tornar as circunstâncias desfavoráveis e tornar um chamado corriqueiro em um risco grave.

Determinado dia, o Corpo de Bombeiros recebeu um chamado para retirar um touro de dentro de uma cacimba no bairro Alto do Bode<sup>20</sup>. Por trás de uma vila de casas, estava a cacimba, que não tinha beirada, usada como fossa pelos moradores da vila. Lá, havia caído o animal. “O touro era imenso. Parecia um daqueles touros de touradas. Tinha as pontas bem aguçadas”, comenta.

Como sempre, Gonça já ia de calção, pronto para chegar e agir com celeridade. Chegando ao local, observou que só havia espaço para a descida de um dos integrantes da guarnição. Próximos à cacimba, encontravam-se vários vaqueiros que esperavam os

---

<sup>17</sup> Uma das principais avenidas de Fortaleza, que liga, principalmente, Caucaia, município localizado na região metropolitana, ao centro da capital.

<sup>18</sup> Hoje o supermercado pertence ao grupo Pão de Açúcar. No local onde estava localizado, atualmente encontra-se o supermercado Assaí.

<sup>19</sup> Localizado na rua Clarindo de Queiroz, no Centro de Fortaleza, é um dos principais mercados da capital.

<sup>20</sup> Hoje chamado Autran Nunes, há cerca de 50 anos, o lugar ganhou um apelido que segue firme até hoje. O bairro ficou conhecido como Alto do Bode devido à criação de caprinos na região.

bombeiros para a retirada do animal. “Se colocar (o touro) aqui fora, a gente pega”, afirmaram os vaqueiros. O touro se encontrava no fundo, com lama e fezes até a metade das pernas. Estava furioso. Mexia-se o tempo todo, rodando e enfiando os chifres nas barreiras.

Gonçalves esperou o momento certo para descer. Em determinado instante, quando o boi acalmou-se, pulou e caiu entre a barriga do animal e a barreira da cacimba. Com rapidez e agilidade, segurou o nariz e um dos chifres do touro, enfiando o chifre em um buraco que existia em um dos lados da barreira. Soltou o nariz e passou a segurar o outro chifre. Com o outro preso na barreira, ele só aguardou que o animal cansasse de se mexer.

Quando o subtenente estava se preparando para amarrar o boi, um dos moradores da vila gritou: “Bombeiro, tem cuidado que aí tem uma cobra muito grande. Parece que é uma cascavel”. Esta estava exatamente na fenda onde Gonça enfiara um dos chifres do boi. Ele lembra que ela tinha de 1,5 a 2 metros de comprimento e era muito espessa. “Era melhor que ele (o morador) não tivesse nem falado”, brinca. No entanto, a cobra, embora aumentasse a tensão do momento, não saiu da fenda, ficou imóvel em seu lugar.

Especialista em nós, o bombeiro amarrou o boi de um jeito que o animal não escorregaria. Quanto a isso, não houve maiores problemas, pois ele lembra que já havia passado por diversas situações como essa. Sua equipe era uma das melhores no quesito amarração. “Jamais a gente derrubou um animal dentro de cacimba”, afirma. Era toda uma técnica que envolvia tempo e preparo físico, principalmente no caso de animais valentes como o do boi daquele domingo.

O animal foi puxado para fora da cacimba por um tripé, instrumento que dá apoio em operações como essa. Ele é montado e, juntamente com a corda, facilita a subida de grandes pesos. Assim, parecia que tudo iria ocorrer bem. Contudo, próximo ao local, reuniram-se diversos curiosos, dentre eles uma mulher grávida de nove meses. Ela já havia sido alertada sobre o risco de ficar ali. No entanto, ignorava as advertências dos bombeiros.

Quando o boi chegou à superfície, remexeu-se de tal forma que conseguiu livrar-se das amarras e saiu correndo, fazendo com que a mulher se apavorasse e tropeçasse em um dos cabos que envolvia o animal, rolando por uma pequena encosta que havia perto da cacimba. Por sorte, a gestante não chegou a bater em uma cerca de arame farpado que havia logo em baixo. Colocada na viatura do Corpo de Bombeiros, a gestante seguiu para o hospital, mas, no caminho, acabou entrando em trabalho de parto e dando à luz dentro do carro.



Já o boi, foi capturado a certa distância da cacimba pelos vaqueiros que acompanhavam a missão. “Foi uma das operações mais complicadas”, ressalta Gonçalves, relembrando o tamanho do boi e sua valentia, a cobra que estava escondida, o incidente com a mulher grávida e o fato de a cacimba ser utilizada como fossa. Segundo ele, tudo isso dificultou a operação.

O subtenente já passou por diversas situações complicadas na vida em operações das quais participou, mas não recorda de muitos detalhes. Segundo ele, é pela naturalidade com que tratava as situações críticas que apareciam. Muitas vezes chegam antigos companheiros seus para relembrar histórias que viveram juntos, mas Gonça não se lembra de muita coisa. Mesmo assim, seus colegas fazem questão de relembrar os momentos que tiveram ao lado dele, uma honra para eles, e uma referência para os que estão entrando em uma das instituições de maior aceitação pela população do estado.

Hoje, o subtenente lamenta a falta de solidariedade e gentileza dos profissionais que trabalham com a segurança pública.

## **5.2 Sargento Gomes Costa**

Há oito anos na reserva, o sargento Antônio Carlos Gomes Costa foi um dos bombeiros que mais se destacaram na Corporação durante o período em que participava ativamente das operações. Tendo atuado em uma época na qual os bombeiros dispunham de muito menos veículos e equipamentos para a realização de resgates, Gomes Costa é hoje uma fonte rica de relatos em que a criatividade e a iniciativa do profissional foram essenciais para o sucesso das operações.

Aos 18 anos, quando morava no Rio de Janeiro, Gomes Costa – natural de Crateús – acordou em determinada noite com os sons de uma confusão que acontecia na rua. Ao sair de casa para ver do que se tratava a confusão, viu que uma casa próxima pegava fogo e que os bombeiros, que haviam acabado de chegar ao local, tentavam apagar o incêndio. Aquela foi a primeira vez que o rapaz havia visto o Corpo de Bombeiros em ação. “Ali eu pensei ‘rapaz, o trabalho do bombeiro é um negócio meio invocado mesmo’”, relembra.

Mal sabia o jovem que meses depois, por conta do convite de um amigo para prestar o concurso, estaria ingressando na Corporação e que participaria de um número incontável de

operações. Ao longo de sua carreira como bombeiro, resgatou pessoas que se encontravam nas mais variadas situações – de vítimas de acidentes automobilísticos a suicidas e animais em situação de risco. Enquanto esteve na ativa, trabalhou por um curto período com serviços burocráticos dentro do quartel. Todavia, o tempo empregado no serviço entre quatro paredes só serviu para lhe mostrar que sua verdadeira vocação era trabalhar nas ruas, ajudando diretamente as pessoas. Quando iniciou o trabalho na Corporação, em, havia, em relação a hoje, um número limitado de equipamentos e materiais à disposição dos bombeiros. Cabia então, ao profissional, compensar a deficiência material com o próprio esforço, muitas vezes tendo de utilizar o raciocínio e a agilidade para os mais variados tipos de resgate.

Hoje, Costa orgulha-se de ter colaborado para o sucesso de resgates que não apresentavam soluções aparentes. Em uma das ocorrências mais marcantes de que participou, Gomes Costa recorda-se do dia em que os bombeiros foram chamados para evitar o suicídio de um homem. Quando chegou ao local da ocorrência, deparou-se com uma multidão assistindo ao discurso de um rapaz que gritava do alto de uma árvore. A altura, de apenas poucos metros, dificilmente seria suficiente para vitimar o rapaz, caso ele se jogasse. O verdadeiro perigo consistia em uma corda amarrada a um dos galhos da árvore, em cuja uma das extremidades o garoto havia feito um laço para enforcar-se.

Descontrolado, o garoto descrevia à multidão os problemas que o levavam a tentar tirar a própria vida. Abaixo dele, os espectadores dividiam-se em dois grupos, os quais, somados, contavam cerca de 200 pessoas. O primeiro, formado por adultos e idosos, gritava palavras de consolo ao rapaz e o orientava a desistir do suicídio. O segundo grupo, por sua vez, era composto por estudantes que passavam pelo local e foram atraídos pelo discurso do suicida. A cada ameaça do rapaz de atirar-se, os estudantes gritavam em coro: "pula, pula, pula!", o que tornava a situação crítica.

A solução imaginada pelo bombeiro que coordenava a operação, o sargento Edigar Martins da Silva, foi a mesma que tradicionalmente se utiliza em situações do gênero: distrair a vítima, de uma distância segura, enquanto um ou mais profissionais, sem serem vistos pelo suicida, vão a seu encontro para imobilizá-lo e impedir o desfecho trágico. Edigar solicitou então que Gomes Costa subisse a mangueira sem ser visto e tentasse conter o rapaz. Antes de o soldado subir, Edigar entregou-lhe a faca que carregava como parte do equipamento obrigatório dos sargentos.

Logo em seguida, iniciou-se de fato a operação. Enquanto o sargento conversava, do solo, com o garoto, Costa subia silenciosamente pelo lado oposto ao que o rapaz se encontrava. Os acontecimentos transcorriam conforme o planejado pela guarnição. Houve, porém, uma quebra no esquema que tornou o caso ainda mais complexo. Em determinado momento, o rapaz virou-se para trás e percebeu a presença de Costa, que já se encontrava a cerca de dois metros de distância.

Tudo o que se passou a seguir, até o desfecho da operação, durou poucos segundos. Ao se dar conta de que suas intenções poderiam ser frustradas, o rapaz não hesitou em pôr o laço em torno do pescoço e preparar-se para realizar o salto. Costa, ciente de que seria impossível alcançar o rapaz antes que ele se lançasse à morte, teve apenas uma alternativa.

Todo o movimento precisou ser realizado com agilidade, força e precisão. Enquanto saltava, sobre o galho da árvore, com cuidado para não despencar, Gomes Costa levou uma mão ao coldre - já desabotoado no momento da subida - e empunhou a faca. Nesse mesmo instante, o rapaz pulou do galho e deu início à queda. Não sendo mais possível evitar o pulo do suicida, Costa, com rapidez e vigor, utilizou a faca para, com rapidez, cortar a corda e impedir que esta chegasse a quebrar o pescoço do garoto. Em vez da morte certa, o rapaz foi de encontro a folhas de bananeiras que se encontravam logo abaixo. Ao cair, quebrou uma costela e feriu outras partes do corpo, sendo logo socorrido pelos bombeiros que se encontravam ao pé da mangueira e encaminhado à Assistência Municipal. A operação foi concluída com êxito.

Caso o bombeiro não tivesse carregado a faca consigo, enquanto subia a árvore, certamente a ocorrência teria tido um desfecho trágico. Alguns dias após a ocorrência, os bombeiros que realizaram a operação visitaram o garoto. Coberto por gessos e faixas, por conta dos ferimentos, o rapaz, após agradecer pelo resgate, revelou aos bombeiros que se arrependia de seu ato e que não pretendia mais suicidar-se.

Em operação semelhante, um deficiente mental havia subido em uma árvore de grande porte e poderia cair a qualquer momento. Solicitados para retirar o homem do local, os bombeiros, entre eles Gomes Costa, dirigiram-se ao local e pensaram em como poderiam retirar o homem em segurança. Após analisar a situação, o sargento que comandava a operação, vendo que o homem se apresentava indiferente aos apelos feitos pelos bombeiros, pediu ao soldado Costa que subisse na árvore e tentasse trazer a vítima ao solo.

Logo o bombeiro iniciou a subida. Porém, quanto mais escalava a árvore, mais o homem, temendo o contato, dirigia-se até os galhos mais altos. A situação permaneceu a mesma, até que Gomes Costa percebeu que, caso continuasse a subir em direção aos galhos mais altos – menos resistente que os anteriores – a madeira talvez não suportasse o peso dos dois homens e ambos caíssem. Vendo que o resgate, da forma antes imaginada, não poderia ser executado, retornou ao solo e informou ao sargento a situação. Os bombeiros pensaram por alguns instantes em outras soluções, até que o sargento solicitou que fossem trazidos dois machados. Em pouco tempo, os bombeiros passaram a cortar a árvore a machadadas. Se não era possível fazer o homem descer, a solução encontrada foi trazer a própria árvore ao chão. “Quando a árvore caiu, ele nem se arranhou. Ele desceu de camarote”, comenta Gomes Costa.

Apesar de ter participado de inúmeras ocorrências e de ter presenciado os mais variados resgates – de vítimas vivas e de cadáveres – Gomes Costa, em certas ocasiões, sensibilizava-se com os fatos ocorridos. Uma das recordações mais marcantes entre os infortúnios que presenciou ocorreu em meados da década de 1980, após o Corpo de Bombeiros ser solicitado para ir a um colégio de Fortaleza realizar a poda das árvores da instituição.

Entre os profissionais deslocados para o trabalho, encontrava-se Gomes Costa. Enquanto os bombeiros realizavam o serviço, um menino, de aproximadamente dez anos, acompanhou o trabalho observando a poda das árvores e brincando com os bombeiros. “Acho que eu até dei alguma moeda pra ele quando ele estava lá brincando com a gente”, relembra Costa. Durante todo o serviço, o garoto divertiu-se ao lado dos profissionais. Naquele mesmo dia, a poda das árvores foi concluída e os bombeiros retornaram ao quartel.

Menos de uma semana depois, uma solicitação chegou ao Corpo de Bombeiros vinda do mesmo local onde havia sido realizada a poda das árvores. Desta vez, o trabalho a ser feito era bastante distinto – resgatar o corpo de alguém que havia se afogado em uma cacimba. Quando a guarnição chegou ao local, foi apresentada à cacimba onde havia o cadáver. Por duas vezes, um dos bombeiros mergulhou na cacimba e buscou o corpo, mas, por conta da profundidade e da falta de iluminação, não conseguiu encontrá-lo. Logo em seguida, o soldado Gomes Costa, que fazia parte da guarnição, mergulhou no poço e, na primeira tentativa, localizou o cadáver.

Quando trouxe o corpo de volta à superfície, Gomes Costa colocou-o sobre a terra e logo percebeu que o afogado se tratava do mesmo garoto com quem brincara poucos dias

antes. Embora, de modo geral, não se abalasse fortemente com as infelicidades presenciadas durante o exercício de sua profissão, o bombeiro, reconhecendo o menino, não conteve a emoção, nem as lágrimas. “Eu não suportei aquilo, aquele reencontro tão negativo, e chorei. Foi uma surpresa, uma pancada”, relembra. No dia seguinte, foi publicada uma notícia sobre o fato, intitulada “Quando um herói chora”. “Às vezes, a gente pode ser um herói. Mas é um herói de carne e osso”, comenta o bombeiro.

Em meio a todas as adversidades ligadas à falta de equipamento e ao combate constante contra a natureza, o sargento se alegra ao recordar do empenho que sempre empregou em seu ofício, muitas vezes arriscando a própria vida em nome daqueles que precisavam de sua ajuda. “Hoje o bombeiro tem um aparelhamento especial para quase todo tipo de salvamento. Às vezes eu digo (aos bombeiros mais novos): ‘Rapaz, vocês estão é nadando no Céu’. Antes, a gente não tinha o material adequado. O que a gente tinha era o material humano, a valentia do bombeiro”, recorda.

### **5.3 Capitão Humberto**

O Capitão José Humberto da Silva Carvalho nasceu em 8 de março de 1959, numa época em que o militarismo era mais influente sobre os jovens do que o é nos dias atuais. Em 1961, seu pai ingressou no Corpo de Bombeiros do Ceará. Nessa época, Humberto tinha entre três e quatro anos de idade. Por conta da atividade do pai, passou muitos dos dias de sua infância dentro do quartel. Vez por outra, o garoto acompanhava os treinamentos e o desenrolar das ocorrências, tendo em vista a função de enfermeiro exercida pelo pai.

Aos 18 anos, Humberto ingressou no Exército, onde permaneceu por um ano e 12 dias, chegando à patente de cabo. Depois disso, pediu baixa e resolveu seguir outro estilo de vida. “Eu pensei comigo mesmo: rapaz, a vida militar é muito sofrida. Dá para mim não”, comenta. Decidiu então trabalhar no comércio, ramo no qual estava sempre passando de um emprego para o outro. Logo percebeu uma diferença entre a vida que seguia e o militarismo. Embora fosse uma profissão sofrida, a carreira militar oferecia mais segurança para o indivíduo.

Em 1982, quando tinha 23 anos, prestou concurso para o Corpo de Bombeiros, seguindo o conselho do pai, que morreu no início do mesmo ano. Humberto chegou a afirmar para a mãe que, se após 5 anos na corporação não se adaptasse, iria embora para o Norte do país. Um dos receios de ingressar na Corporação era o fato de não gostar de ver cadáveres ou saber que algum conhecido havia morrido. Humberto temia se sentir abalado quando, durante as operações, precisasse resgatar um cadáver. Todavia, o temor não se tornou realidade. Logo na primeira ocorrência em que precisou resgatar um afogado que havia entrado em óbito, percebeu que poderia realizar esse tipo de trabalho com naturalidade, como fez por muitas vezes ao longo de seu trabalho. Adaptando-se rapidamente à profissão, Humberto percebeu que tinha vocação para o serviço.

Mais tarde, foi aprovado em concurso interno para cabo. Após isso, foi para a escola de formação, passando seis meses no treinamento. Dois anos e meio depois houve outro concurso interno, agora para sargento. Passou novamente e foi para a escola de formação, ficando lá durante dez meses. Já como 2º sargento, fez um curso de aperfeiçoamento para galgar a posição de 1º sargento. Houve então mais um concurso, agora para oficial. Humberto estudou novamente e passou. Após 6 meses na escola de formação, tornou-se 1º tenente, sendo promovido depois a capitão, patente exercida até hoje.

Ao longo da carreira, Humberto, que hoje trabalha no Núcleo de Busca e Salvamento (NBS) do Corpo de Bombeiros do Ceará, participou de ocorrências que evidenciaram a necessidade da resistência física e psicológica de que deve dispor o bombeiro. Entre as operações que mais exigiram bom preparo, destacam-se o acidente de um Boeing 727-200 da companhia Vasp, em 1982, e os acidentes envolvendo os ônibus das empresas Expresso de Luxo, em 1991, e Viação Itapemirim, em 2004. Neste último caso, o que mais o impressionou Humberto, quando mergulhou no açude, foi saber que lá em baixo, há uma profundidade de 15 metros, havia um ônibus fechado com 47 corpos. “Quando a gente iniciou o resgate, eu entrei no ônibus. Os cadáveres estavam todos amontoados. Você não precisava mais procurar não, nem tatear. Bastava você se deslocar no corredor, entre as cadeiras, que batia nos corpos”, explica ele, lembrando a comoção que o abateu pela tragédia.

Outras operações das quais Humberto fez parte ilustram a capacidade excepcional dos bombeiros de adaptar-se às singularidades de cada operação e suportar as adversidades. O capitão recorda que, em determinada ocorrência, ele e o restante da guarnição dormiram, na ausência de qualquer local mais apropriado, sobre sacas de estreme, em uma casa do interior

cearense. Na manhã seguinte, o único alimento que pode ser oferecido à guarnição foi um refrigerante quente, já que não havia nada para comer.

Uma das situações que mais lhe exigiu resistência física ocorreu no final da década de 1980. Em uma manhã de segunda-feira, um garoto de oito anos e o pai, deficiente mental, passeavam pela Serra de Maranguape, quando a criança despencou do topo da serra e caiu em um abismo de cerca de 70 metros. Por sorte, a queda do menino foi interrompida por um platô – uma pedra saliente – localizada a cinco metros do local de onde caíra. Desesperado, o pai pegou alguns cipós e preparou um cabo improvisado, através da qual tentou descer até onde estava o filho. Porém, o cipó se partiu e o homem, não tendo a mesma sorte do garoto, acabou despencando os 70 metros.

Da manhã de segunda-feira até a tarde de terça-feira, o menino ficou sozinho no platô, sem ser encontrado por ninguém. Em determinado momento, foi localizado por pessoas que passavam no local. Estas, trabalhando conjuntamente, conseguiram resgatar a vítima, que logo alertou para o fato de que seu pai havia caído no precipício. Foi chamado então o Corpo de Bombeiros.

Às 19 horas daquele mesmo dia, a guarnição, formada por sete bombeiros, entre eles Humberto, chegou à serra e iniciou a subida. Três horas depois, atingiram o topo. “Nós vamos pernoitar aqui”, avisou o comandante da guarnição. “Meu amigo, lá em cima é frio. À noite, então...”, comenta o capitão. Às quatro horas da manhã, os bombeiros despertaram e se prepararam para a descida. A intenção era descer pelo abismo, resgatar o corpo, subir o caminho de volta e descer a serra pela trilha. Ainda cedo da manhã, o corpo foi localizado e trazido de volta ao topo. Contudo, a descida pela trilha, iniciada às sete horas foi mais penosa do que se imaginara. A guarnição amarrou os pés e os braços do cadáver e entre seus membros colocaram uma vara de bambu. Passaram então a revezar-se em duplas que carregavam nos ombros o bambu.

Ao meio dia, cinco horas depois do início da descida, os bombeiros ainda não haviam chegado sequer à metade do caminho. “Aí, cadê a força? Os ombros, em carne viva. Do oficial ao soldado”. Em determinado momento, os bombeiros utilizaram o próprio uniforme para forrar os ombros e reduzir o impacto contra o bambu. Porém, o artifício não deu resultado por muito tempo. Pouco a pouco, os bombeiros, que só haviam comido e bebido na noite anterior, perdiam a energia.

O resgate naquele dia só foi possível por conta da ajuda de um homem que, acompanhado de um burrico, subia a serra para pegar bananas. Assim que avistaram o homem, os bombeiros lhe pediram auxílio, colocando em seguida o cadáver sobre o animal. “Pronto, foi a nossa salvação”. Apenas por volta das 17 horas foi possível aos bombeiros chegar de volta ao quartel, onde puderam, finalmente, tomar banho e comer.

Apesar das diversidades encontradas ao longo da profissão, Humberto ressalta que gosta da vida de bombeiro pela dinâmica associada ao trabalho. A cada dia, algo novo para enfrentar ou solucionar. De exterminar abelhas a ajudar alguém envolvido em acidente de trânsito ou afogamento. Isso evita que o trabalho torne-se monótono e faz com que os dias passem mais rápidos. Além disso, agrada Humberto o fato de o profissional adquirir mais experiência e conhecer novas pessoas a cada dia. “Apesar de a gente trabalhar sempre com desgraça, para nós, torna-se um serviço prazeroso, porque você está prestando um serviço para a comunidade. Na hora que alguém precisa, você está lá. No final, você se sente bem”, justifica o capitão, que evita até mesmo tirar férias do trabalho.



## 6. O ÚLTIMO SALVAMENTO

O último relato deste livro-reportagem apresenta uma situação de resgate cujo desenrolar não representou graves riscos ao protagonista nem lhe exigiu demasiados esforços para o cumprimento da missão. Missão que, assim como vários dos casos antes relatados, não nasceu da ordem de um superior, mas teve origem no próprio espírito generoso de quem a praticou. A ocorrência aqui narrada trata, antes de tudo, de uma postura de respeito à vida e da capacidade humana de solidarizar-se com seus semelhantes e com as demais criaturas.

Uma das ocorrências que, de acordo com o subtenente Gonçalves, jamais lhe abandonarão a memória, foi protagonizada pelo bombeiro Rafael Queiroz, em meados da década de 1980. Um dos bombeiros que se destacou na Corporação naquele período, Rafael faleceu em decorrência de um acidente, enquanto viajava de ônibus a Natal, capital do Rio Grande do Norte. Na manhã que antecedeu a fatalidade, o bombeiro realizou seu último salvamento.

Enquanto passeavam pelo pátio do quartel central do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará, Rafael e Gonçalves notaram um bem-te-vi que, preso a um oitizeiro – que havia no interior do quartel – por um fio de dois a três metros de comprimento, voava em círculos em torno da copa da árvore, tentando se libertar. O fio, deduziram os bombeiros, deveria ser de alguma pipa perdida. "Aquela linha tem cerol. Ele (o bem-te-vi) vai morrer ali, não vai conseguir se soltar", alertou Gonçalves ao companheiro.

A primeira atitude da dupla foi pegar uma escada para alcançar o fio e libertar a ave. Como o equipamento encontrado, que tinha três lances de degraus, ainda não alcançava altura suficiente, amarraram em suas extremidades uma escada menor, possibilitando o resgate. Embora fosse mais baixo que Gonçalves, Rafael dispôs-se a subir a escada e tentar segurar o fio que aprisionava a ave.

Para ter alguma chance de alcançar o fio, Rafael precisou ir além dos últimos degraus da escada, apoiando os pés nas extremidades do equipamento. "Acho que ninguém ali ficaria naquela escada como ele fez, como ele ficou, com um equilíbrio danado", recorda Gonçalves. Durante a ação, vários bombeiros presentes no quartel pararam para assistir a atuação de Rafael Queiroz. No topo da escada, Rafael esticou um dos braços e esperou alguns minutos

até que o bem-te-vi voasse mais baixo. Quando isso aconteceu, agarrou o fio e cortou-o, liberando o animal pouco tempo depois. Ao descer, foi parabenizado pelos bombeiros que assistiram ao resgate, pela destreza e pela atitude de ajudar um animal em situação de risco.

Aquele foi o último salvamento de Rafael Queiroz. Foi também, para os que presenciaram o fato, uma prova da determinação de trabalhar em prol de quem precisa de ajuda, qualquer que seja a situação ou gravidade do caso. "Quando a gente via essas coisas, a gente não ficava quieto, não. O bem-te-vi voando alto pra caramba, a escada não alcançava, mas a gente arrumou um jeito". "Pode acreditar como é o instinto. O instinto é danado", ressalta Gonçalves.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Edvaldo. *Páginas Ampliadas – O Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas, SP. UNICAMP, 1993

BOAS, Sergio Vilas. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003

NETO, José Jucá. *Herói e Mártir*. Fortaleza, CE: ABC Editora, 2002

RODRIGUES, Aroldo. *Psicologia Social*. 10ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e a análise do eu*. 1921, vol. XVIII

Comandante do Corpo do Bombeiros salva menino em incêndio: última visualização: 05/09/2010 <http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=172431&modulo=967>

Garota que salvou rapaz de afogamento ganha homenagem: Última visualização: 03/10/2010 Disponível em: <http://publica.hom.opovo.com.br/page,274,96.html?i=2042958>

Heróis do Povo: VITÓRIA DA VIDA - João Nogueira Jucá: Última visualização: 15/10/2010 <http://www.bairroellery.com.br/modules/news/article.php?storyid=832>